

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEILA CRISTINA ROSA

AS DORES DO MUNDO: UMA ANÁLISE DIDÁTICO FILOSÓFICA DE AFORISMAS
DO FILÓSOFO ARTHUR SCHOPENHAUER

CURITIBA

2018

LEILA CRISTINA ROSA

AS DORES DO MUNDO: UMA ANÁLISE DIDÁTICO FILOSÓFICA DE AFORISMAS
DO FILÓSOFO ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista. Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

AS DORES DO MUNDO: UMA ANÁLISE DIDÁTICO FILOSÓFICA DE AFORISMAS DO FILÓSOFO ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná.

Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal

Orientador - Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná

Curitiba, _____, 2018.

RESUMO

A filosofia busca consolidar seu espaço no campo da educação básica. De modo que o professor de filosofia no ensino médio é um dos importantes agentes nesta busca, uma vez que tem à sua disposição o grande público, os estudantes. Público indispensável nessa luta. É sob essa condição que este trabalho está inserido. O de aliar professores de filosofia e estudantes do ensino médio no propósito de demonstrar a importância do ensino de filosofia na educação básica. Buscando aprimorar e criar práticas pedagógicas, conforme especificidade da própria filosofia, foram selecionados importantes fragmentos e aforismas do filósofo Arthur Schopenhauer, sob o objetivo de sensibilizar o estudante quanto as situações da existência humana. O critério para seleção considerou questões pungentes ao cotidiano dos estudantes adolescentes, tais como o amor, o tédio, a dor, a felicidade, a moral, a morte, etc. O objetivo é que, a partir de situações concretas os estudantes sintam-se provocados a buscar compreender como o filósofo ou a filosofia, trata essa ou aquela situação. Verificando que não há, todavia, respostas definitivas, apenas várias maneiras de pensar sobre uma mesma situação. Se assim o for, o ensino de filosofia terá cumprido um de seus desafios, o de levar o estudante para além do conteúdo concreto, fazendo-o perceber a intrínseca relação existente entre a teoria (textos), o pensamento, a linguagem e a realidade. Por fim, o estudante terá dado o primeiro passo em direção a sua emancipação intelectual. Daí, certamente, fará parte do coro que engajado está pela consolidação do ensino de filosofia na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Vontade, Amor, dor, tédio, arte.

ABSTRACT

The philosophy seeks to consolidate its space in the field of basic education. So the philosophy teacher in high school is one of the important agents in this quest, since he has at his disposal the great public, the students. An indispensable public in this struggle. It is under this condition that this work is inserted. Allied philosophy teachers and high school students in order to demonstrate the importance of teaching philosophy in basic education. Aiming to improve and create pedagogical practices, according to the specificity of the philosophy itself, important fragments and aphorisms of the philosopher Arthur Schopenhauer were selected, in order to sensitize the student about the situations of human existence. The criterion for selection considered issues pertaining to the daily life of adolescent students, such as love, boredom, pain, happiness, morals, death, etc. The objective is that from concrete situations the students feel provoked to seek to understand as the philosopher or the philosophy, treats this or that situation. Noting that there are, however, definitive answers, only several ways of thinking about the same situation. If so, the teaching of philosophy will have fulfilled one of its challenges, that of taking the student beyond the concrete content, making him realize the intrinsic relation between theory (texts), thought, language and reality. Finally, the student will have taken the first step towards his intellectual emancipation. From there, it will certainly be part of the chorus that is engaged by the consolidation of the teaching of philosophy in basic education.

KEYWORDS: Will, Love, pain, boredom, art.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PLANO DE AULA 01: TORMENTOS DA EXISTÊNCIA	30
QUADRO 2 – PLANO DE AULA 02: A MORAL – AS CAUSAS DAS AÇÕES HUMANAS.....	34
QUADRO 3 – PLANO DE AULA 03: A POLÍTICA – DO DESPOTISMO E A ANARQUIA	38
QUADRO 4 – PLANO DE AULA 04: DO AMOR – O FIM DEFINITIVO DO EMPREENHIMENTO AMOROSO	41
QUADRO 5 – PLANO DE AULA 05: MISOGINIA – A INCAPACIDADE DE LIDAR COM AS MULHERES	46
QUADRO 6 – PLANO DE AULA 06: A ARTE COMO RENDENÇÃO DO SER HUMANO.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
-------------------------	-----------

PRIMEIRA PARTE – FUNDAMENTAÇÃO

1 AS DORES DO MUNDO: A existência como um pêndulo entre a dor e o tédio	09
1.1 Schopenhauer e as mulheres.....	10
1.2 O pessimismo como tese metafísica	12
1.3 A arte como resignação	14
1.4 Das coisas humanas	16
1.5 Do amor	17
1.6 Sobre a morte	19
1.7 O homem – a sociedade civilizada.....	20

SEGUNDA PARTE – EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA

2 Construção e organização de um plano de ensino	23
2.1 Abordagens didáticas no ensino de filosofia	24
2.2 Lendo um texto filosófico, compreendendo a realidade	25
2.3 A filosofia e os outros saberes – Interdisciplinaridade	26

TERCEIRA PARTE – PANOS DE AULA

3 Proposta de ensino: Retalhos do cotidiano numa perspectiva schopenhauereana.....	30
---	-----------

Tema aula 1: Tormentos da existência	31
Tema aula 2: A moral – As causas das ações humanas.....	34
Tema aula 3: A política – Do despotismo e a anarquia.....	39
Tema aula 4: Do amor – O fim do empreendimento amoroso.....	42
Tema aula 5: Misoginia – A incapacidade de lidar com as mulheres	47
Tema aula 6: A arte como redenção do ser humano	52
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Conhecido mais pelo seu pessimismo e sua dificuldade em lidar com o sexo feminino, o filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), é daqueles pensadores que causa um misto de sentimentos. Ora uma admiração por sua fria e prosaica análise da existência humana, ora uma repulsa por suas ácidas observações a respeito da natureza humana, sobretudo às mulheres.

Tal como sua concepção de humanidade imperfeita, sua obra não alcança esse *status*, mas consiste em um aspecto indispensável a ser conhecido a respeito da história da filosofia no século XVIII. Sem Schopenhauer, Nietzsche não seria tão mais ácido. Quanto a Wagner, suas composições não soariam tão dramáticas. Freud, talvez demoraria mais chegar à metafísica da sexualidade. E que dizer de Wittgenstein, seu pessimismo seria menos contagiante.

Um dos pensadores mais lidos no século XIX, por **fezes** passa despercebido na hora de pensar o plano de trabalho docente para o ensino médio. Talvez por sua característica vaidosa em tratar sobre os assuntos humanos deixe o clima da sala de aula um tanto quanto “pesado”. Mas a que serve a atividade filosófica se não incomoda. A filosofia de Schopenhauer atesta a ideia de que a filosofia não existe para consolar, não deve ser posta na mesma prateleira da autoajuda. Em momento histórico em que inúmeras as justificativas espirituais, comportamentais, familiares, etc., que servem aos indivíduos como amuletos contra o exame, para reflexão crítica, o pessimismo de Schopenhauer convoca à tomada de consciência, à responsabilidade das ações, suas observações vão desde de uma existência altruísta a um modo de vida ascético.

A vida não se apresenta de modo algum como um mimo que nos é dado a gozar, mas antes como um dever, uma tarefa que tem de se cumprir à força de trabalho; daí resulta, tanto nas grandes como nas pequenas coisas, uma miséria geral, um trabalho sem descanso, uma concorrência sem tréguas, um combate sem fim, uma atividade imposta com uma tensão extrema de todas as forças do corpo e do espírito. [...] Mas qual é o alvo de tantos esforços? Manter durante um curto espaço de tempo entes efêmeros e atormentados, mantê-los, no caso mais favorável, em uma miséria suportável e numa ausência de dor relativa que o tédio logo aproveita; depois a reprodução dessa raça e a renovação de seu curso habitual. [...] A arte é uma redenção – Ela livra da vontade, e, portanto, da dor – Torna as imagens da vida cheias de encanto – A sua missão é reproduzir lhe os cambiantes, todos os aspectos. (SCHOPENHAUER, A. “As Dores do Mundo”. Pp. 32 e 94.).

Não se trata de explorar tão somente a visão pessimista do filósofo ressaltada em ambas as obras, uma vez que ele vislumbra o homem como ser capaz de criar, de fugir aos desejos da vontade que incessante lança o indivíduo à luta entre o tédio e a dor. A proposta em uma análise didática filosófica de alguns dos aforismas presentes em duas de suas obras “As dores do mundo” e “Sabedoria da vida”, talvez seja uma afronta ao próprio filósofo que dias antes de sua morte declarou “que dentro de pouco tempo os vermes roam meu corpo, eis um pensamento que pouco posso suportar; mas que os professores de filosofia roam a minha filosofia, estremeço desde já”.¹

Afronta ou não, o próprio filósofo não limitaria sua curiosidade intelectual à uma observação do gênero. Logo, assim está disposto esse trabalho.

Na primeira parte do trabalho a reflexão trata sobre a concepção schopenhauereana da natureza humana na perspectiva de que o indivíduo se encontra jogado em mundo semelhante ou pior ao Inferno de Dante, cujo destino encontra-se entre a dor e o tédio. Nessa existência orientada pelo pêndulo da dor e do tédio, surge a necessidade de pensar as causas das ações humanas – o egoísmo, a maldade e a piedade; em consequências como tais causas interferem no mundo civilizado – que não passa de uma máscara, segundo nosso filósofo; não menos fantasioso e ilusório é o amor, que nada mais é que uma trapaça da vontade; as vítimas do amor, as mulheres, quem Schopenhauer não poupa seu ressentimento; por fim, a superação, a única condição de livramento dos desígnios da vontade, a arte, atividade de um gênio.

Enfim, o desejo desse trabalho é possibilitar uma visão diversa da insistente perspectiva contemporânea, a da permanente felicidade. Compreender que a realidade é posta sob o pivô contraditório da alegria e do tédio, da dor e do sofrimento, da vida e da morte é fundamental para que saibamos desfrutar dos bons e agradáveis momentos da vida.

¹ Observações de Schopenhauer sobre si mesmo (s/d). Citado por LeFranc, 2008, p. 18.

PRIMEIRA PARTE – FUNDAMENTAÇÃO

AS DORES DO MUNDO: A existência como um pêndulo entre a dor e o tédio

A melhor ideia que o filósofo Arthur Schopenhauer concebe a respeito da existência humana, assemelha-se as ideias de miséria, de falta, de tormento. Para eles esses sentimentos é o que melhor define a vida humana.

Se nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode-se dizer que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra (SHOPENHAUER, 2016, p.25).

Valendo-se de exortações e máximas de pensadores como, Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles, Sêneca, Diógenes, Shakespeare, Voltaire, Goethe e outros, Schopenhauer realizara importantes meditações sobre a natureza humana. Seu pessimismo influenciara obras de Wagner, Nietzsche, Freud e Wittgenstein.

Segundo Jean Lefranc (2008, p.144), a filosofia para Schopenhauer, consiste em uma atividade especulativa, sendo “lhe essencial, seja qual for o objeto de seu estudo, manter-se puramente especulativa, e entregar-se a pesquisa sem nada prescrever”. Na introdução de “A sabedoria da vida” (2012), o filósofo esclarece fazer uso da “sabedoria da vida”, como uma espécie de arte de tornar a vida agradável e feliz. Arte esta, que poderia ser compreendida como uma “eudemonologia”. Embora, a algumas páginas a frente é possível identificar seu pessimismo em relação a existência. Schopenhauer deixara claro sua discordância com a pretensão de pensar a existência como paradisíaca, ressaltando que o emprego da noção eudemonologia só é possível como eufemismo. Citando Voltaire, acaba por aconselhar para “deixarmos o mundo tolo e mau assim como o encontramos”.

Schopenhauer é facilmente identificado com uma pessoa politicamente incorreta, mal-amado, misógino etc. Suas posições sobre a amizade, o convívio social e as mulheres o colocaria na lista negra dos mais sensatos e puritanos. Para o filósofo “a sociedade oferece ao homem intelectualmente colocado em posição superior uma dupla vantagem: a primeira é estar consigo mesmo e a segunda é não estar com os demais” [...] “A despeito de muitos

indivíduos, o mais prudente é dizer: ‘Não posso transformá-los, pois vou utilizá-los’. ’ (2012, p.136 e 158).

Talvez a psicanálise freudiana, posteriormente explicaria seu comportamento antissocial e misógino.

1.1 Schopenhauer e as mulheres

O relacionamento de Schopenhauer com sua mãe, a romancista Johanna Trosiener, talvez possa justificar alguns de seus posicionamentos, em especial a respeito das mulheres, quem ele parece alimentar completo desprezo. Schopenhauer censurava comportamento livre e festeiro de Johanna, após a morte inusitada de seu pai Heinrich F. Schopenhauer, importante comerciante. Para o filho, Johanna era esbanjadora e má administradora da herança deixada pelo marido. Daí a conclusão de que “todas as mulheres, com raras exceções, têm inclinação para o esbanjamento” (2004. p. 41). Sua postura misógina é notadamente evidenciada em várias outras partes de suas obras. Em “As dores do Mundo - Esboço acerca das mulheres”, o filósofo afirmara que:

...O simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos intelectuais, nem aos grandes trabalhos materiais. Paga a sua dívida à vida não pela ação, mas pelo sofrimento, as dores da maternidade, os cuidados inquietadores da infância; deve obedecer ao homem, ser uma companheira paciente, que lhe torne a existência calma. Não é feita nem para os grandes esforços, nem para dores ou prazeres excessivos; a vida para ela pode decorrer mais silenciosa, mais insignificante, mais serena que a do homem, sem que ela seja, por temperamento, melhor ou pior (SCHOPENHAUER, 2014, p. 73).

Em “A arte de lidar com mulheres” (2004), Franco Volpi, responsável por realizar introdução e nota da obra em que reúne funestas considerações de Schopenhauer ao sexo feminino, lembra-nos que a relação entre filósofos e mulheres, sempre fora marcado por uma “secular mésalliance”. “Desde Tales, ridicularizado por uma criada trácia, até Wittgenstein e suas confusões com Marguerite, os filósofos contribuíram sistematicamente para esse ostracismo, tanto na teoria quanto na prática (2004, notas introdutórias). Entretanto, mesmo Volpi haveria de concordar que Schopenhauer evidenciou todo desafeto dos filósofos em relação as mulheres. Mesmo em um tempo em que já se tinha notícias de um movimento feminista – nesse período já despontava a primeira onda do feminismo na Europa do século XIX. Numa tentativa de amenizar o caráter misógino das observações schopenhauereana, Jean Lefranc intervém afirmando que a “misoginia é apenas um parágrafo conclusivo em uma metafísica do amor” (2008, p. 15). O que não serve como defesa.

Às observações schopenhauereana vale a resposta da uma das feministas que antecederia uma das mais importantes feministas do século XVIII, Mary Wollstonecraft², de quem talvez Schopenhauer tenha tomado ciência em uma de suas viagens. Trata-se da francesa Poulain de La Barre, “tudo o que os homens escreveram [escrevem] sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte”. Ademais, lembrando Simone de Beauvoir, a construção do ideário da mulher frágil, infantilizada, de baixa instrução etc., é uma construção histórico-social, e não equivocadamente como endossado por Schopenhauer algo natural.

A teoria do materialismo histórico pôs em evidências muitas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma *anti-physis*: ela não sofre passivamente a presença da Natureza, ela a retoma em mãos. Essa retomada de posse não é uma operação interior e subjetiva; efetua-se objetivamente na *praxis*. Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado; entre os dados biológicos só têm importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica [intelectual] a que chegou a humanidade. (BEAUVOIR. S. 1970. P. 73)

Quiçá a dificuldade de Schopenhauer em lidar com o sexo oposto seja fruto de seu espírito pessimista em relação a existência. Uma feminista radical, rechaçaria o filósofo a partir incapacidade a autonomia, a beleza e insensatez próprias do feminino. Daí sua postura pessimista a se juntar à quantidade de sofrimento no mundo, pois, segundo Schopenhauer, discutir acerca das boas ou más ações, não faz do mundo um lugar melhor.

Mas, no fundo, é simplesmente supérfluo discutir se o bem ou o mal leva a melhor no mundo: já a simples existência do mal dirime a questão... Com efeito, mesmo que milhares de homens tivessem vivido na ventura e na volúpia, que as angústias e as mortais torturas de *um só* não ficariam suprimidas; e o meu bem-estar presente não impede tampouco meus sofrimentos passados de terem se reproduzido... A minha dor presente não pode ser suprimida por alegrias futuras; umas e outras preenchem o seu tempo (Schopenhauer. 1774, p 1.344 *Apud* 2008, pp. 32-33).

Se a diferença entre os sexos é uma construção histórica, para o filósofo britânico e contemporâneo de Schopenhauer, John Stuart Mill, é preciso discutir acerca das ações que

² Em 1792, Mary Wollstonecraft publica “Reivindicação dos direitos das mulheres”. Obra na qual a escritora reivindicara para as mulheres o direito à educação, ao voto e a igualdade no casamento, especialmente a respeito da administração dos bens. Suas ideias influenciaram inúmeras mulheres, aumentando consideravelmente o número de mulheres engajadas aos movimentos feministas dos séculos XVIII e XIX.

contribuem para uma vida melhor, independente quem for, sobretudo, neste caso, a vida as mulheres.

Da máxima utilitarista:

[...] as regras e preceitos para a conduta humana, cuja observância garante uma existência tal como descrevemos para toda a humanidade, devem também ser estendidos a todos os seres da criação dotados de sensibilidade, conforme suas naturezas permitam. [...] que a felicidade que constitui o padrão do utilitarismo sobre o que é certo na conduta não é apenas a satisfação do próprio agente, mas a de todos os envolvidos. Entre a sua própria felicidade e a dos outros, o utilitarismo requer que a pessoa seja estritamente imparcial, como um espectador benevolente e desinteressado (MILL.J.S. 2007, pp.28-29).

Das mulheres:

[...] o costume, por mais universal que seja, não permite neste caso qualquer presunção, e não deveria criar qualquer preconceito, a favor de sistemas que coloquem as mulheres em sujeição social e política aos homens. Mas posso ir mais longe, e sustentar que a marcha da história, e as tendências da sociedade humana progressista, não só não permitem qualquer inferência a favor deste sistema de desigualdade de direitos, mas sim contra; e que, se é possível inferir algo com base em toda a marcha do progresso humano até agora, e em todo o fluxo das tendências modernas, é que esta relíquia do passado é incompatível com o futuro, e deve necessariamente desaparecer. [...] No caso das mulheres, cada um dos indivíduos da classe subjugada se encontra num estado crônico de suborno e intimidação. Para opor resistência, um grande número das líderes, e ainda maior de seguidoras, tem de fazer um sacrifício quase completo dos prazeres e dos paliativos de que usufruem. Se jamais nenhum outro sistema de privilégios e sujeição forçada impôs jugo tão absoluto àqueles que domina, este o fez. (MILL. J.S, 2006. p. 200).

Notadamente Schopenhauer tinha conhecimento das reivindicações feministas, das mobilizações sobre o direito da igualdade de gênero, pois sobre os direitos das mulheres ele afirmara que “quando as leis concederem às mulheres os mesmos direitos dos homens, elas deveriam ter lhes dado também um intelecto masculino” (2004. p. 81).

1.2 O pessimismo como tese metafísica.

A posição misógina de Schopenhauer pode ter sido deliberada e ou pode ser resultado de seu espírito pessimista. Ingenuidade (?). A verdade é que ele levou seu pessimismo à condição metafísica. Para Barbosa, “a vontade é intrinsecamente *autodiscórdia consigo mesma*, a que se reflete na sua visibilidade, na sua manifestação” (1997. p. 33).

Para Schopenhauer, mais que qualquer outro ser vivo, o homem é movido pela *vontade*. Independente da consciência, a *vontade* é um princípio de conservação, em que:

... mostra-se no mundo bruto, na natureza vegetal, e nas suas leis, assim como parte vegetativa, do nosso próprio corpo [...] Não é ele, em suma, é só a espécie que interessa a natureza; é por ela, pela sua conservação que a natureza vela com tanto solicitude, com tantos cuidados, desperdiçando sem contar os germes, ateando em todos os lugares o desejo de reprodução (SCHOPENHAUER, 2001, pp. 288 e 290).

Refutando a perspectiva otimista representada por Leibniz, cuja ideia consiste no melhor dos mundos possíveis. Schopenhauer sustenta a ideia de que o mundo é obra do acaso, é conforme deveria ser, conforme o princípio de conservação – *vontade* –, e a noção de movimento. Concebido o movimento conforme Aristóteles, sendo ele causa da dor corrupção. Logo, subvertido em seu destino incerto, abandonado a si próprio, sob um esforço eterno em banir o sofrimento, a existência humana assemelha-se a um pêndulo cujo extremo se não é dor é tédio. Grosso modo, a vida consiste em um “reino do acaso e do erro”. De outro modo, se o mundo fosse obra da criação de um Deus, esse Deus seria um tirano, pois o mundo assemelha a um lugar de penitência. Cujas caminhadas é evitar a queda, uma vez que.

A vida do homem oscila, como um pendulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos. Os homens tiveram de exprimir essa ideia de um mundo singular; depois de terem feito do inferno o lugar de todos os tormentos e de todos os sofrimentos, que ficou para o céu? Justamente o aborrecimento (SCHOPENHAUER. 2014, p. 35).

Para o professor Oswaldo Giacoia Jr.³, Schopenhauer desde muito jovem esteve próximo a situações que exprimiam a dor e o sofrimento a que o ser humano pode ser subjugado. Aos 16 anos visitara a prisão de Bagno, em Toulon, lugar em que seis mil galés viviam sob assustadora condição de miserabilismo.

Mille piacer' non vagliono un tormento. Pois que milhares tenham vivido em prazer e delícias jamais suprimiria a angústia e o martírio de morte de uma única pessoa; e, do mesmo modo, meu bem estar atual não faz desaparecer meus sofrimentos anteriores. Por causa disso, mesmo que o mal existente no mundo fosse cem [vezes]⁴ menor do que é, ainda assim, todavia, a mera existência teria dele o suficiente para fundamentar uma verdade que, de maneiras diferentes, só se deixa formular de modo indireto, a saber, que não podemos nos alegrar quanto à existência do mundo, antes pelo contrário, temos que nos afligir (GIACOIA. 2016, p. 14. *apud* SCHOPENHAUER, A. WWV II, Kap. 46. In: SW. Band II, p. 733.)

Em negação ao otimismo, Schopenhauer pensa a dor e o sofrimento como autêntica finalidade da vida. Só, inseguro e oprimido, resta duas únicas opções ao homem; assegurar sua existência e aliviar o peso da vida. Vida esta movida pelos “tinnitus” da dor e do

³ Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer-Vol. 7, Nº 2. 2º semestre de 2016. ISSN:2179-3786. Oswaldo Giacoia Jr. “Ser e sentido: o paradoxo do sofrimento.” p.13. Disponível em <http://www.revistavoluntas.com.br/>.

⁴ Acréscimo nosso.

sofrimento. Ou seja, é sob o prisma das dores do mundo que o ser humano se move. O trágico espetáculo é que assegura a permanência da espécie.

[...] Por uma espécie de dedução do princípio do pior, toda existência, neste mundo por pouco escapado do nada, só se conserva em um combate incessante contra as ameaças de desnutrição. Toda vida é luta para sobreviver, quer se trate do indivíduo ou, mais ainda, da espécie. Quando o indivíduo vivo parece fazer pouco caso de sua sobrevivência é porque não se põe a serviço da espécie. Quando a espécie a espécie parece ser prodiga e multiplica os germes é porque responde assim a multiplicidade dos perigos. Em uma metafísica pessimista, a vida não é jamais uma generosa conquista, mas sempre mísera tenacidade, obstinação para se conservar (LEFRANC. 2008, p. 39).

A imagem que Schopenhauer alude a vida é a de um viajante, que à medida que caminha os objetos lhes parece cada vez mais distintos. É como que se a existência fosse aos poucos descortinada à medida daquilo que entristece o homem. Será sob esse fundo – do pior dos mundos possíveis – que o homem fará planos, em uma tentativa insana de obstruir tudo aquilo que possa leva-lo a dor e ao sofrimento. Uma vez que, “quando se quer fazer o balanço da vida, do ponto de vista eudemonológico, não temos que levar em conta os prazeres que saboreamos, mas os males que conseguimos evitar” (2012, p.118).

Tal sofrimento está em conformidade com a moral do universo. Pode-se afirmar com Oswaldo Giacoia (2016), que a filosofia de Schopenhauer confere à existência a condição de injustiça a ser expiada, cujo livramento só é possível sob a negação da vontade de viver.

Por meio desse *tour de force* Schopenhauer quebra a ponta, no plano e tico, de seu pessimismo metafísico, convertendo sua filosofia sena o em teodiceia pelo menos em soteriologia, cuja inspiração e a santidade e a ascese: jejum, castidade, obediência incondicional como quebrantamento definitivo da vontade. Nenhum motivo mais, nenhum combustível para o querer, mas quietivo, aniquilação da vontade, salto milagroso do *volen* ao *nolen* (GIACOIA. 2016. p. 17).

A negação da vontade de viver como condição única de livramento do sofrimento, faz da filosofia schopenhauereana uma filosofia do trágico, em que aniquilação é a única possibilidade, uma vez que a própria insistência da vontade é só uma maneira evitar o fim, “o andar não é mais do que uma queda sempre evitada, da mesma maneira a vida do corpo é a morte sempre suspensa, uma morte adiada, e a atividade do nosso espírito, um tédio sempre combatido...” (Schopenhauer, 2016, p. 32).

1.3 A arte como resignação

Diante da tragédia anunciada pela *vontade* – desejo de vida e desejar é essência do sofrimento, teria o ser humano uma saída desse mundo, que excede, segundo Schopenhauer o Inferno de Dante, onde uns devoram outros (?).

Nada há no mundo capaz de apaziguar a vontade, nem fixá-la de um modo duradouro; o mais que se possa obter do destino parece sempre uma esmola que se lança aos pés do mendigo que só conserva a vida hoje para prolongar o seu tormento amanhã. Assim, enquanto estamos sob o domínio dos desejos, sob o império da vontade, enquanto nos abandonamos às esperanças que nos acometem, aos temores que nos perseguem, ele não é para nós nem repouso nem felicidade amável. Quer nos encarnicemos em qualquer perseguição ou fuçamos ante qualquer ameaça, agitados pela expectativa ou pela apreensão, no fundo é a mesma coisa: os cuidados, que nos causam as exigências da vontade sob todas as formas, não cessam de nos perturbar e atormentar a existência. Assim o homem, escravo da vontade, está continuamente preso à roda de Ixion, enche sempre o tonel das Danaides, é o Tântalo devorado de eterna sede.

Entretanto, Schopenhauer acredita na emancipação da vontade, que significa a negação de uma necessidade. Esta condição é alcançada pelo “gênio”, que dotado de uma inteligência interior pois, “o centro da gravidade está dentro dele”, tem a posse de sua personalidade, tornando se “filho da inteligência livre”. O gênio cria, a sua criação é estética. Isto é.

[...] quando uma circunstância estranha ou a nossa harmonia interior nos arrebatam por um momento à torrente infinita do desejo, nos livra o espírito da opressão da vontade, nos desvia a atenção de tudo que a solicita, e as coisas nos aparecem desligadas de todos os prestígios da esperança, de todo interesse próprio, como objeto de contemplação desinteressada e não de cobiça; é então que esse repouso, frustrantemente procurado nos caminhos abertos do desejo, mas que sempre nos fugiu, se apresenta e nos dá o sentimento da paz em toda a sua plenitude. [...] O verdadeiro sentido da tragédia é essa observação profunda, que as faltas espiadas pelo herói não são as dele, mas as faltas hereditárias, isto é, o próprio crime de existir. A tendência e o último objeto da tragédia é inclinar-nos à resignação, à negação da vontade de viver (SCHOPENHAUER. 2016. pp 93, 94, 95).

A contemplação estética consiste no livramento do homem. A razão, a vontade desconhece a linguagem estética, daí a liberdade do homem. O filósofo descreve sua experiência ao ouvir a 5ª sinfonia Beethoven, a qual promove um estado de inércia – “uma imagem fiel e perfeita da essência deste mundo, que gira dentro o espaço sem pressa e sem repouso”. Essa harmonia dissonante provocada pela arte é estéril, livrando o homem da vontade é, sua resignação. Elevando o homem a condição de felicidade verdadeira, sem qualquer influência da vontade. “A contemplação das obras de arte nos livra dos desejos

ávidos, como se pairássemos acima da atmosfera pesada da terra, são ao mesmo tempo os mais felizes que conhecemos” (Schopenhauer, 2016. p. 114).

José Fernandes Weber⁵, ressalta que a tragédia compreendida na obra de Schopenhauer diz respeito a tragédia presente nas obras dos modernos, tais como, Goethe e Shakespeare. Uma vez que na tragédia dos antigos, de acordo com o próprio Schopenhauer, não aparece o sentimento de resignação.

[...] as potencias destrutivas, visto na o resultarem de algo extraordinário, mas comum, podem, a qualquer instante nos atingir; seja porque poderiam ser produzidas por qualquer um a nossa volta, seja porque poderíamos nos próprios produzi-las a afirmação schopenhaueriana que a tragédia moderna conduz a resignação, na o meramente a compaixão e ao pavor, pois engendra, no reconhecimento, a identificação da causa do mal em si próprio, levando a aceitar que o melhor seria na o querer, mesmo que isso ainda na o signifique que o reconhecimento produza firme constância que mante m a vigência da negaçã o da Vontade. Resignar-se e reconhecer a fonte do mal, aceitar essa verdade. Por sua vez, os antigos ainda se mantinham fortemente ligados a esperança (WEBER. 2017, p. 12).

Logo, se a pergunta for em que medida a arte pode livrar o homem da catástrofe da existência, a resposta é, a medida em que a partir da arte o homem é capaz de resignar-se, negar a força da vontade, isto é, a negação da vida, o nada.

1.4 Das coisas humanas

O pessimismo schopenhaueriano impõe uma visão de mundo prosaica e fria. Recomendação do próprio filósofo, para quem o essencial é que se saiba evitar o mal, mesmo que para isso tenha que abster de alguns prazeres, já que é impossível abster-se de todos. Embora, só uma natureza mesquinha e ridícula doer-se-ia por sacrificar algum prazer, afirmara Schopenhauer.

A dor e o tédio são os extremos embala a existência humana. Porém, mesmo mergulhados em um mundo do acaso e do erro, o homem percebe sua condição cada um a seu modo. Schopenhauer sugere uma gradação da inteligência, que por fim será responsável pela percepção da existência.

Tudo o que acontece e tudo que existe para o homem não está senão imediatamente em sua consciência. É evidente a qualidade da consciência é

⁵ WEBER. J. F. Resignação como efeito trágico: a teoria schopenhaueriana da tragédia (in): Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 8, Nº 2. 2º semestre de 2017. ISSN: 2179-3786 - pp. 72-85. Disponível em: <http://www.revistavoluntas.com.br/>.

essencial à percepção imediata dos acontecimentos. (Schopenhauer. 2012. p.29).

Ao conceber à inteligência o papel de escolha quanto modo de perceber e experimentar a vida, Schopenhauer exclui toda e qualquer possibilidade da existência de uma divindade. A vida é conforme a sorte - “a metade objetiva da atualidade e da realidade [...] variável” –, e a outra metade que está no indivíduo, que é imutável no que diz respeito a essência. É sobretudo, o caráter individual é que determinara a o modo de vida de cada um.

Mas, se a individualidade é de má qualidade, todos os gozos serão como um vinho generoso em uma boca impregnada de amargura. Em boa ou má fortuna, salvo a eventualidade de grande desgraça, o que sucede a um homem e sua vida tem menor importância do que a maneira como ele *sente*, isto é, a natureza e o grau de sensibilidade sob todos os aspectos. [...] em suma, a personalidade e seu valor, são o único fator imediato de nossa felicidade e nosso bem-estar. Todos os outros valores agem indiretamente e a sua ação podem anular-se, porém, a da individualidade nunca. (Schopenhauer. 2012. p. 35).

Ao creditar à sensibilidade – capacidade de percepção – *sine qua non* para felicidade, cremos que também o seu oposto, a infelicidade, somos impelidos à uma espécie de ingênua análise psicológica de algumas considerações schopenhaueriana, como já tratado sobre as mulheres, a arte a seguir o amor, a morte e o homem em sociedade.

1.5 Do amor

Se o assunto é o amor, Schopenhauer recorre aos mais celebres poetas do amor, Homero, Shakespeare, Goethe, etc. para, assim como Sócrates em *O Banquete*, compreender o papel que o amor desempenha na vida humana.

O filósofo eleva o amor para além do puro sentido romântico. Ele realiza a metafísica do amor. O amor consiste, na perspectiva schopenhaueriana o truque da *vontade*. Intrínseco ao sexo é à vontade de viver em sua forma absoluta. Assim, qualquer que seja a forma expressiva do amante a vontade repousa sob a conservação e manutenção da espécie. Tal é sua força que transpõe os mais difíceis obstáculos.

“Não espero a aprovação nem o elogio dos amorosos, que procuram naturalmente exprimir com as imagens mais sublimes e etéreas a intensidade dos seus sentimentos: a esses, o meu ponto de vista há de parecer demasiado físico, demasiado material, por muito metafísico e transcendente que ele seja no fundo. [...] O amor tem, portanto, sempre por fundamento um instinto dirigido para a reprodução da espécie... (SCHOPENHAUER. 2014, pp. 45 e 53).

No diálogo platônico *O Banquete*, em que Sócrates afirmara que Diotima dissera que o amor – *Eros* – está ligado à ideia de geração.

[...] crês que o amor é por natureza amor daquilo que muitas vezes admitimos, não fiques admirado. Pois aqui, segundo o mesmo argumento que lá, a natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal. E ela só pode assim, através da geração, porque sempre deixa um outro ser novo em lugar do velho. (PLATÃO. 2000, p. 41).

Schopenhauer retoma, então, a questão sob a mesma perspectiva. Isto é, a vontade de geração, é o desejo da espécie sobrepondo ao desejo individual. O “Gênio da espécie”, será capaz de romper e contrariar todos os obstáculos, em nome de uma ilusória felicidade individual, da realização de um desejo, mas que por fim é o princípio conservação da espécie é que orienta as ações. A metafísica do amor não diz respeito ao comportamento dos amantes, ao contrário, ela trata sobre as armadilhas do amor, uma vez que toda e qualquer disposição amorosa, tem unicamente a composição das gerações futuras. Parafraseando Schopenhauer, todas as ações individuais transformam-se em vontade da espécie, o amor é cego, e uma vez cego, os enamorados compartilham da mesma cegueira, não se veem enlaçados na efêmera armadilha. Passados os impulsos tem-se a prova da força da espécie. Se segue daí satisfação ou sofrimento, não mais interessa, o espírito da espécie cumprira sua missão.

De modo que sentido, o amor como forma objetiva de vida só pode ser compreendido, em sua totalidade, a partir do relacionamento sexual, pois é o instinto sexual que garante a permanência da espécie.

Quando o instinto dos sexos se manifesta na consciência de cada indivíduo de uma maneira vaga, geral e sem determinação precisa, é a vontade de viver absoluta, fora de todo fenômeno, que surge. [...] E, nesse caso, o instinto do amor todo subjetivo dá ilusão à consciência, e sabe muito bem cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza carece desse estratagema para atingir os seus fins. Por muito desinteressada e ideal que possa parecer a admiração por uma pessoa amada, o alvo final é na realidade a criação de um novo ser, determinado na sua natureza ... (SCHOPENHAUER. 2014, p.47).

Para Lefranc (2008, p. 135), Freud, em sua teoria da psicanálise acaba por encontrar na metafísica do amor de Schopenhauer, uma metafísica da sexualidade.

“o fundador da psicanálise parece ter mantido em Schopenhauer, mais que uma fisiologia ou psicologia, a possibilidade de uma ampliação metafísica da sexualidade. Porque, no fim das contas, é no ato procriador que o querer-viver se manifesta do modo mais direto sem intervenção do conhecimento, ou seja, como coisa-em-si, distinta da volição consciente.

A verdade sobre a natureza do amor é que buscando a cura da finitude humana faz valer o instinto de vida do novo indivíduo. Sendo o amor primeiro movimento, tendo por essência instinto dirigido para a reprodução da espécie. Para o “gênio da espécie” não

interessa outras situações resultantes da união dos seres, seja a felicidade ou o infortúnio, pois, espécie importa mais que o indivíduo.

1.6 Sobre a morte

Se a vontade emerge como conservação da espécie, por outro lado, o indivíduo que é por ela manipulado e iludido, é finito. Vida e morte, formam um contrapeso, segundo Schopenhauer. Onde uma é condição necessário da outra. Para o filósofo a única recompensa da existência quase morte é a capacidade de ver o mundo de uma maneira menos embaraçosa. “Quanto mais avançamos na vida mais insignificantes nos parecem as coisas humanas” (2012. p. 193). Seria uma recompensa quase morte, o desembaraço, a compreensão do nada do mundo, culminando na morte, que conforme menção de Schopenhauer à Plutarco, “a morte é o grande reservatório da vida”.

Por não possuir a ideia de finitude – morte, o animal não humano desfruta unicamente dos prazeres imediatos. O animal vive sem conhecimento verdadeiro da morte: por isso o indivíduo animal goza imediatamente de todo o caráter imperecível da espécie, na medida em que só se conhece como infinito. Com a razão apareceu, necessariamente entre os homens, a certeza da morte. Mas como na natureza, a todo mal sempre é dado um remédio ou, ao menos, uma compensação, então a mesma reflexão, que originou o conhecimento da morte, ajuda também nas concepções metafísicas consoladoras, das quais o animal não necessita, nem é capaz (SHOPENHAUER. 2000, p. 59).

O contrário do homem, cuja consciência de finitude alimenta seu desejo pela vida, daí seus projetos. A brevidade da vida a torna preciosa.

Se fosse concedida ao homem uma vida eterna, a rígida mutabilidade do seu caráter e os acanhados limites da sua inteligência parecer-lhes-iam como o tempo tão monótonos e inspirar-lhes-iam um tão grande aborrecimento que, para se livrar deles, acabaria por preferir o nada. Exigir a imortalidade do indivíduo é querer perpetuar um erro. [...] A morte é a destruição violenta do erro fundamental do nosso ser; o grande desengano. (SHOPENHAUER. 2014. p. 86).

A possibilidade de vida eterna em qualquer que seja a instância, soa ao filósofo um destino desagradável, tedioso. Logo, a imortalidade seria um erro, é preferível o nada. A morte, em certa medida, consiste em uma consequência moral que semelhante a um estado de sono eterno trata-se da correção de um mal. “É à humanidade, e não ao indivíduo, que se pode assegurar a duração” (2014, p. 86). Enquanto que para a natureza, tudo corre conforme deveria ser, a existência humana assemelha as folhas, que com a chegada no outono caem para dar vez a novas folhas, nova existência que permitirá a permanência.

A despeito disso, Lefranc, afirma que Schopenhauer faz da condição de mortalidade do indivíduo uma espécie de consolo filosófico, desconsiderando sua condição de animal metafísico. Segundo nosso filósofo Schopenhauer é a racionalidade que embasa o temor da morte, Lefranc, discorda, pois, “o apego a vida não é de per si nem racional nem fruto de raciocínio: surge do mais profundo do nosso ser, animado por querer cego. Noutras palavras, é a parte imortal do nosso ser que se faz a morte temível; e é a parte mortal que, na verdade, não a teme” (2008, p. 140).

Se Schopenhauer cometeu um erro por acreditar ser a razão aquela que permite ao ser humano, tanto a noção de morte, quanto a possibilidade de consolo na reflexão filosófica, outros filósofos endossaram essa mesma perspectiva. Albert Camus, comparou a existência humana ao mito de Sísifo, prescrevendo a existência como um absurdo, cujo sentido só é alcançado a partir do exercício filosófico. Embora haja consideráveis diferenças entre ambos os pensadores, porém, parece não ser justo com Schopenhauer considera-lo simplista, como proposto por Lefranc, uma vez que diante da questão da morte o fechar dos olhos parece não ser o último ato da existência, ao menos é esse o “eu que quer” insiste.

[...] quando a mãe soberana, universal, expõe sem escrúpulo algum dos filhos a mil perigos iminentes, sabe que, quando sucumbem, é para voltarem ao seu seio onde os conserva ocultos; a sua morte não passa de um brincadeira. Sucede com o homem o mesmo que com os animais. O oráculo da natureza estende-se a nós; a nossa vida ou a nossa morte não a comove, e não deveria comover-nos, porque também fazemos parte da natureza (2014, p. 88).

1.7 O homem – a sociedade civilizada

É aceitável, que no pior cenário possível, Schopenhauer tenha enxergado o ser humano menos famigerado que parece tê-lo compreendido? Bem, talvez. A concepção pessimista de que a existência humana é como um espetáculo, que visto de perto, mais parece uma comédia do que uma tragédia.

Outrossim, uma cuidadosa leitura leva-nos a outra concepção. A princípio, Schopenhauer parece definir o homem semelhante a concepção hobbesiana, “lobo do próprio homem”, mau por natureza. Ademais, que não se poderia acreditar que uma divindade seria capaz de uma criação tão imperfeita, “a miséria, que alastra por este mundo, protesta demasiado alto contra a hipótese de uma obra perfeita devida a um ser absolutamente sábio, absolutamente bom, e também todo poderoso” (2014, p. 29). Em sua condição de uma natureza defeituosa, o homem busca se desvencilhar daquilo que possa lhe causar dor e sofrimento. Essa capacidade de driblar os infortúnios da vida diz respeito seu grau de

inteligência. Disso pode-se avaliar o caráter de um indivíduo. Dado que a natureza da espécie lhe garante liberdade em agir, seja para o bem, seja para o mau.

Schopenhauer, em certa medida, busca na filosofia dos estoicos a recomendação da não perturbação, daí sua sugestão sobre assumir uma postura prosaica e fria frente aquilo que é desagradável. Em outro momento, o filósofo, sugere a limitação dos desejos, o refrear das ambições, domínio da cólera. Mas, seja conquistando uma postura prosaica ou refreando os desejos, a existência humana se manterá miserável.

Mesmo crítico das prescrições, o filósofo sugere um princípio moral geral, “não faça mal a ninguém, mas ao contrário ajuda a todos se poderes.” Nota-se a condicional, “se poderes”. Embora recomendar que, na presença de imbecis e insensatos, não há outra coisa melhor a fazer do que não lhes dirigir a palavra, pois a virtude não é algo que se ensina. Das tarefas a serem malsucedida a educação do caráter é uma delas.

A virtude, assim como gênio, não se ensina; a ideia que se faz da virtude é estéril, e só pode servir de instrumento, como as coisas técnicas em matéria de arte. Esperar que nossos sistemas de moral e as nossas éticas possam tornar os homens virtuosos, nobres e santos é tão insensato como imaginar que os nossos tratados sobre estética possam produzir poetas, escultores, pintores e músicos (SCHOPENHAUER. 2014, p. 103).

A natureza parece possuir maior força, em um ou outro momento a verdadeira natureza revelar-se-á. Segundo Schopenhauer (2014, p. 103), o mundo civilizado consiste em uma grande máscara, e que cada um age conforme uma causa, o egoísmo, a maldade e a piedade.

- a) o egoísmo, que quer o seu próprio bem (não tem limites);
- b) a maldade, que deseja o mal de outrem (vai até a extrema crueldade);
- c) a piedade, que quer o bem de outrem (vai até a generosidade, à grandeza de alma).

Curiosamente, embora Schopenhauer construa sua filosofia a partir do pessimismo do pior dos mundos possíveis, em certa medida, sua filosofia transparece um grau de esperança. A piedade é a causa da esperança. Embora, o filósofo esclareça que piedade independe de prescrições, inclusive, independe da razão, bastando-lhe a capacidade de sentir dor, isto é, de sofrer.

Só a piedade é o princípio real de toda justiça livre e de toda caridade verdadeira. A piedade é um fato incontestável da consciência do homem; é-lhe

essencialmente própria e não depende de noções anteriores, de ideias a priori, religiões, dogmas, mitos, educação e cultura; é o produto espontâneo, imediato, inalienável da natureza; resiste a todas as provas, e mostra-se em todos os tempos e em todos os países; em toda parte é invocada com confiança, tão grande é a certeza de que ela existe em todos os homens, e nunca é contada entre os “deuses estranhos”. O ente que não conhece a piedade está fora da humanidade, e essa mesma palavra humanidade é muitas vezes tomada como sinônimo de piedade (SCHOPENHAUER. 2014, p. 109).

A diferença entre os indivíduos seria superada por meio da piedade, princípio real de toda justiça. Sendo o Estado incapaz de exercer a condição de mediador, já que para Schopenhauer o Estado nada mais faz do que domesticar o homem – “não mais que uma mordaca” –, pois a sociedade organizada se orienta pelos “especuladores de dinheiro”.

Em que “um afivela a máscara da justiça e do direito com auxílio de um advogado, para ferir melhor o seu semelhante; outro, com mesmo fim, escolheu a máscara do bem público e do patriotismo; um terceiro, a da religião, da fê imaculada” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 132).

Contra esse inevitável processo social, o filósofo sugere uma espécie de moral da cortesia, cuja finalidade é tornar o homem capaz de ser moldado conforme o interesse e necessidade – “a cortesia é para o homem o que o calor é para cera”. A cortesia equivaleria a prudência. Schopenhauer parece sugerir uma espécie de saída cínica onde a cortesia evitaria criar inimigos. Pois para garantir notoriedade o homem deve fazer da cortesia sua moeda sem preocupar-se em utilizá-la com moderação. Enquanto que a maioria dos homens não seria merecedora de consideração, o homem de razão retribui-lhes a rudeza com cortesia e dignidade – “golpe de mestre”.

Embora Schopenhauer faça da piedade uma das causas da ação humana. Todo o contexto de sua filosofia, em especial, a obra aqui escolhida para análise “As dores do mundo”, sugere que para além de uma fagulha de piedade, nosso filósofo concede maior ênfase na ideia de homem naturalmente miserável, jogado e julgado pelo pior dos mundos possíveis, onde a única vontade consiste em fugir da dor e do sofrimento.

Devo confessá-lo sinceramente: a vista de qualquer animal regozija-me o coração; principalmente os cães, e todos os animais em liberdade, pássaros, insetos etc. Pelo contrário, a presença dos homens excita quase sempre em mim uma pronunciada aversão; porque, com poucas exceções, oferecem-me o espetáculo das deformidades mais horríveis e variadas: fealdade física, expressão moral de paixões baixas e ambições desprezíveis, sintomas de loucuras e de perversidades de todas as espécies e grandezas; enfim, uma corrupção sórdida, fruto e resultado de costumes degradantes; feliz por encontrar aí os animais (SCHOPENHAUER. 2014, p. 135).

SEGUNDA PARTE – EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA

Aspectos a serem considerados durante o processo de pesquisa e a didática da aula de filosofia

2 Construção e organização de um plano de ensino

Qualquer trabalho que busca tratar sobre o ensino de filosofia que não faça menção à problemática a que se encontra as perspectivas para o ensino de filosofia no Brasil, parece incompleto. Por outro lado, enfrentar essa problemática sobre as condições obscuras em que o ensino de filosofia tem sido tratado nos últimos anos excederia aos critérios estabelecidos para realização desse trabalho, ao mesmo tempo que correria o risco de não ser tratado com a seriedade que pede as circunstâncias. Neste caso, para que este trabalho não se transforme em uma proposta paradoxal, nem trate superficialmente a condição do ensino da filosofia no Brasil, optou-se por realizar a reflexão didático-filosófica e os planos de aula, ora sugeridos, em acordo com a prática escolar, em especial, na educação básica da rede pública de ensino. Justifica-se essa decisão por ser esse o cenário que se encontra o maior desafio no ensino de filosofia. Que que seja, aplicar o que se entende pelo conhecimento teórico-metodológico do saber filosófico com a formação do estudante do ensino médio pertencente à rede pública de ensino.

Dentre as diferentes maneiras e instrumentos aptos para o preparo de uma aula de filosofia, o professor deve considerar as características seu do público. Não que o trabalho do professor deve apenas atender o nível de conhecimento estimado de seu público, mas saber a quem fala é uma primeira condição para tornar-se entendível. Pois, estará a cargo do professor sensibilizar seu alunado sobre as especificidades entorno do ensino/estudo da filosofia; que a princípio, o aluno acredita ser por si só caótico, um tudo vale. Essa falsa compreensão de que no campo da filosofia toda e qualquer maneira de expressão é bem aceita contribui para que o boa parte dos alunos não se interessem por fundamentar seus argumentos. Transformando um simples debate em um clima de “torre de babel”. Superar esses desafios fará com que o professor gaste mais tempo preparando suas aulas que as ministrando.

Acredita-se que dentre as perspectivas que o professor deve considerar durante o planejamento de suas aulas é quanto ao do papel social da filosofia em uma escola de massa. A questão é que o ensino de filosofia só se efetiva quando consegue incorporar a *reflexão* à vivência do aluno. Cabe ao professor aliar conteúdo e vivência, o que já é amplamente aceito no meio pedagógico, a aprendizagem não está unicamente relacionada à competência do professor, outrossim, a que considerar as dificuldades do aluno. Para a professora Lidia Rodrigo (2009, p. 22), “ensino e aprendizagem passaram a ser concebidos como noções correlatadas: só existe ensino se alguém aprende”. O professor não é mais o protagonista do processo de aprendizagem, o referencial é o aluno. O planejamento deverá considerar as possíveis dificuldades à serem encontradas e superadas, como salas superlotadas, dificuldades do aluno em ler, interpretar, abstrair, argumentar, redigir etc.

Segundo o filósofo Jacques Rancière, na proposta didática o professor deve dar ênfase a “igualdade de inteligências”, fazê-lo ser compreendido. Sob esse ponto de vista a compreensão passa pela verificação do outro.

A razão começa ali onde cessam os discursos ordenados pelo objetivo de ter razão, e onde se reconhece a igualdade: não uma igualdade decretada por lei ou pela força, nem uma igualdade recebida passivamente, mas uma igualdade em ato, *verificada* a cada passo por esses caminantes, que, em sua constante tenção a si próprio e em sua infinita revolução em torno da verdade, encontram as frases próprias para se fazerem compreender pelos outros (RANCIÈRE.J, 2015. p. 106).

Na perspectiva de Rancière, além de elaborar um plano de trabalho adequado ao aluno, o professor também terá que se adequar ele mesmo ao plano, fazendo-se tanto agente ativo e passivo deste. O professor se posicionara como mediador, fazendo se presente nos momentos de crise, seja para apontar a direção do caminho a ser percorrido ou para chamar atenção para as especificidades da atividade filosófica, de novo para não emergir uma “torre de babel”. Para É indispensável que o professor se faça também um caminante, uma vez que a única maneira de conceber o homem é sob movimento – sob aquilo que é vivenciando.

2.1 Abordagens didáticas no ensino de filosofia

Que o ensino de filosofia é um desafio em si mesmo não nenhuma novidade. O professor que optou pela licenciatura em filosofia deve ter ciência de que esse desafio o fará debruçar-se em busca de algum método pedagógico capaz de apontar-lhe algum caminho. Com base nas Orientações curriculares para o Ensino Médio.

É salutar, portanto, para o ensino de Filosofia, que nunca se desconsidere a sua história, em cujos textos reconhecemos boa parte de nossas medidas de competência e também elementos que despertam nossa vocação para o trabalho. Mais que isso, é recomendável que a História da filosofia e o texto filosófico tenham papel central no ensino da Filosofia [...]. Porém é a partir de seu legado próprio, como uma tradição que se apresenta na forma amplamente conhecida como História da Filosofia, que a Filosofia pode propor-se ao diálogo com outras áreas do conhecimento e oferecer uma contribuição peculiar na formação do educando (BRASIL, 2006, p.27).

Sob as diversas relações possíveis com a filosofia, as Orientação curriculares propostas pelo MEC, prescreve duas, a História da Filosofia e o diálogo interdisciplinar. Não significa que em seu plano de trabalho (PTD), o professor opte por apenas essas duas possibilidades. É importante que das diferentes maneiras de se relacionar com a filosofia, o professor concilie as recomendações curriculares à sua concepção do que é filosofia.

Entretanto, é indispensável que seja ofertada ao aluno o contato com as obras que compõem a história da filosofia. A resistência do aluno à leitura e produção textual deve ser aos poucos diluída com a oferta de obras e fragmentos em que a ideia ali abordada faça sentido na realidade desse aluno. Essa é a especificidade fantástica da filosofia, sua atemporalidade. Ademais, é incontestável a relevância da história da filosofia na formação do pensamento reflexivo. Uma vez que, não raras vezes, a relação com a história da filosofia apresenta-se com considerável nível de exigência da atividade intelectual. Como a capacidade de leitura e compreensão textual.

Diante disso mediante o professor de filosofia terá que incluir em seu PTD – Plano de Trabalho Docente – situações de leitura em sala de aula, bem como a utilização de dicionários da língua portuguesa e específico de filosofia. Qualquer que seja a metodologia adotada é imprescindível a leitura e interpretação de textos filosófico. Do contrário, ao final do ensino médio esse portará apenas informações, sem jamais ter atingindo a verdadeira reflexão que perpassa pela interpretação da história da filosofia e a conexão com os fatos experimentados. O ensino de filosofia na educação básica deve ser uma ponte entre o que fora vivido e pensado e o que está sendo vivenciado e precisa ser compreendido.

2.2 Lendo um texto filosófico, compreendo a realidade

Um texto filosófico pode apresentar um problema, que na visão imediatista dos alunos, não passa de uma nota de jornal ou um post do *facebook*. A noção de totalidade acaba por escapar. A partir da leitura de trechos de textos filosóficos, ao poucos, o professor estimula

seus alunos a contestar o modo imediatista de enxergar a realidade, levando-os a buscar por um olhar profundo e mais crítico. O professor poderá apresentar aos alunos a concepção moral kantiana na qual a ação correta é a que pode ser universalizada, isto é, “age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal”. Fazendo com que o aluno pense sobre o que significa agir conforme a condição de universalização da ação. A prática permite dizer que não demora para que alguém apresente situações corriqueiras, como furar a fila, não devolver os objetos emprestados pela biblioteca, etc. O que muda quando o professor apresenta questões sobre as consequências em universalizar ações, tais como a da intolerância política, religiosa, como tem ocorrido na Síria e outros países do oriente. São várias as fontes de notícias que confirmam sobre milhares de pessoas (crianças, mulheres, jovens e homens adultos) forçados as mais bizarras formas de violência, e os inúmeros casos de morte.

São alternativas que tanto atendem a leitura dos textos filosóficos, do saber sobre o que o filósofo diz, como também joga o aluno à sua própria realidade. A finalidade é que ele transponha a condição da mera informação e criticamente pense sobre a situação a que fora exposto. Assim, está dado o primeiro e importante passo da atividade filosófica, pois seguramente ao ser jogado no mundo das multiplicidades de situações, o aluno voltará ao texto e buscará por compreender tanto o que fora dito pelo filósofo, quanto compreender como o que fora dito pode orientar-lhe sobre o que pensar da realidade.

O ensino de filosofia terá contemplado o início do processo de construção da autonomia intelectual do aluno, conforme disposto nas Orientações curriculares do ensino médio.

Com efeito, para fazer filosofia, é preciso assumir uma posição diante dessa tradição, conhecer sua história, trajetória, expressões, momentos significativos, modos de ser. Não para nos tornar eruditos, mas para compreender que nosso modo de pensar, viver, existir, querer e organizar o conhecimento tem uma gênese e constitui um valor cultural fundamental para a educação e para a constituição da sociedade contemporânea, com todas as suas contradições (GHEDIN, E. 2009, p. 23).

2.3 A filosofia e os outros saberes – Interdisciplinaridade

Conforme fora dito, são diversas as relações possíveis com a filosofia, sendo História da Filosofia é uma delas. Atendendo a multiplicidade de discursos presentes na História da

Filosofia e as Orientações curriculares nacionais do ensino médio, é pertinente pensar em uma linha de diálogo entre a filosofia e os demais saberes do currículo escolar. Essa opção deriva da concepção de que as forças atuantes em um Projeto Político Pedagógico (PPC) da escola devem convergir em torno de uma mesma intencionalidade.

Cientes de que a maneira em o currículo da educação básica está proposto é, sem dúvida a principal contribuição para o ensino fragmento a que se tem identificado na prática escolar. Mesmo que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996 (Lei nº 9.394), o Conselho Nacional de Educação (CNE), 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino médio, aprovados em 2000, reforcem a necessidade de uma prática escolar orgânica.

LDB. Artigo 36:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino. [...] destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.

CNE. Parecer nº 15, de 1998:

[...] organizar os conteúdos de ensino em estudos ou áreas interdisciplinares e projetos que melhor abriguem a visão orgânica do conhecimento e o diálogo permanente entre as diferentes áreas do saber.

PCN:

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vistas. (BRASIL. PCN. 2000. p. 21).

Ademais, as Orientações curriculares para o ensino médio: ciências e suas tecnologias, versa que,

Outra decorrência da *obrigatoriedade*⁶ da Filosofia é, por conseguinte, uma reflexão sobre sua especificidade e seus pontos de contato com outras

⁶ Neste momento a obrigatoriedade da filosofia como disciplina no currículo da educação básica é posta em suspensão, assim como as demais disciplinas das ciências humanas.

disciplinas, cabendo ressaltar que, a nosso juízo, a Filosofia não se insere tão-somente na área de ciências humanas. A compreensão da Filosofia como disciplina reforça, sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar, tendo contato natural com toda ciência que envolva descoberta ou exercite demonstrações, solicitando boa lógica ou reflexão epistemológica. Da mesma forma, pela própria valorização do texto filosófico, da palavra e do conceito, verifica-se a possibilidade de estabelecer proveitoso intercâmbio com a área de linguagens (BRASIL. 2006. p. 18. v. 3.)

Como disciplina do currículo da educação do Ensino Médio, notadamente, a filosofia é dentre as demais disciplinas do currículo aquela que melhor dispõe de temáticas que favorece o diálogo interdisciplinar. É dentre as disciplinas a mais indisciplinada, no sentido de pluralidade de discurso, já que se manifesta em relação as questões científicas, tecnológicas; pedagógicas, políticas, éticas, culturais, artísticas, jurídicas, ecológicas e outras.

Porém, para organizar um trabalho dialogado com outros saberes é preciso que os professores estejam dispostos em elaborar projetos integradores. Se estão cientes quanto aos aspectos de um trabalho interdisciplinar, que cada um dos professores manter-se-ão responsáveis por suas disciplinas, ao mesmo tempo que também se envolverão com o diálogo convergente ou divergentes de suas respectivas áreas com a filosofia e vice-versa. Sendo esse o primeiro desafio a ser superado. O segundo é conseguir engajamento da equipe pedagógica, direção e claro, fundamentalmente dos alunos e demais agentes da prática escolar, uma vez que o trabalho interdisciplinar acarreta mudança na organização escolar. Para Ivani Fazenda, o trabalho interdisciplinar exige que algumas posturas pedagógicas tradicionais sejam superadas.

O primeiro passo para aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das oposições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, primitivas e “tanchas”, impeditivas de aberturas novas, camisas de força que acabam por restringir alguns olhares, tanchando-os de menores. Necessitamos, para isso, exercitar nossa vontade para um olhar mais comprometido e atento às práticas pedagógicas rotineiras menos pretenciosas e arrogantes em que a educação se exerce com competência (FAZENDA. 2012. p. 13).

A didática também deve ser interdisciplinar. É preciso encontrar questões de interação entre a filosofia e as demais disciplinas envolvidas no projeto, ao mesmo tempo em deve ser considerada a especificidade de cada uma das disciplinas. O trabalho interdisciplinar não pode ser visto como caminho para exclusão de disciplinas, pois tem como objetivo superar a fragmentação da prática escolar, que tem gerado prejuízos à formação dos alunos.

Todavia, uma prática filosófica-pedagógica interdisciplinar, ainda assim, deve ser orientada pelo que se define a prática filosófica, ou seja, o pensar filosoficamente. Este é um importante critério do qual o professor de filosofia não poderá abrir mão. A relação da filosofia com as demais disciplinas no currículo da educação básica, pode sim desconstruir com velhas práticas pedagógicas que impedem a realização, de fato, de um projeto educacional democrático, desalienante, cujos protagonistas sejam professores e alunos. Em igualdade de inteligência, conforme concepção de Rancière, romper com mitos pedagógicos e descobrir o que se ignora a respeito de novas práticas de ensino.

[...] As circunstâncias se diversificam e ela desenvolve as capacidades intelectuais que lhes são solicitadas. A mesma coisa se passa com os homens do povo. É inútil discutir se sua inteligência “menor” é um feito da natureza ou da sociedade: eles desenvolvem a inteligência que suas necessidades e circunstâncias exigem. Ali onde a necessidade cessa, a inteligência repousa, a menos que uma vontade mais forte se faça ouvir e diga: continua; vê o que fizeste e o *podes* fazer se aplicares a mesma inteligência que já empregastes, investindo em toda coisa a mesma atenção, não te deixando distrair em teu caminho. [...]. Resumamos essas observações, e diremos: *o homem é uma vontade servida por uma inteligência* (RANCIÈRE. 2015. p. 79).

Uma proposta como a endossada aqui, reforça os aspectos formais do ensino de filosofia, como a História da Filosofia, a leitura de textos filósofos e o diálogo com as várias áreas do saber. Valoriza a atividade filosófica como prática cotidiana sem o risco de apequená-la, ao contrário, retira a filosofia do campo das exceções quando o assunto é projeto pedagógico. Pensar em uma didática para o ensino de filosofia é propriamente se pôr ao exercício filosófico. Parafraseando o poeta espanhol, Antonio Machado, o caminho se faz caminhado.

Caminhante, são teus passos e o caminho

E nada mais;

Caminhante, não há caminho,

*Faz-se caminho andando.*⁷

⁷ Disponível em <https://www.poesmas-del-alma.com/antonio-machado.htm> acessado em 02/03/2018.

TERCEIRA PARTE – PLANOS DE AULA

3 Proposta de ensino: Retalhos do cotidiano numa perspectiva schopenhauereana

Em acordo com a ideia de que a concepção de Filosofia do professor acaba por interferir em seu plano de trabalho (PTD). Em acordo à perspectiva de que a filosofia consiste em uma atitude especulativa sobre a realidade, sem pretensão de estabelecer guias de ações, a abordagem proposta é temática. A proposta insere sob o desafio de sensibilizar o aluno quanto as questões filosóficas presentes em cada um dos temas escolhidos.

A escolha dos temas orienta-se na condição de levar o aluno a questões externas à sala de aula. Buscando promover a unidade entre pensamento e linguagem, além de fornecer elementos para que esse aluno adquira habilidades que possam contribuir para desenvolver e ampliar sua visão em relação ao mundo. Tratar-se-á em provocar as possibilidades da indagação filosófica. Audaciosamente, os planos de aula aqui sugeridos possuem características de esquema de pesquisa em sala de aula, cujas etapas consistem em: Escolha de um tema; Questionamento/sensibilização acerca de um fato relacionado ao tema (jogos de ideias); Apresentação do argumento filosófico; Sistematização das ideias apresentadas durante o “jogo de ideias” com o argumento filosófico sugerido; Argumentação e contra argumentação das ideias sistematizadas; Análise dos melhores argumentos; Fundamentação teórica dos argumentos vencedores, ora submetidos ao rigor e a sistematização filosófica.

A finalidade do plano de aula é despertar no aluno o espírito da curiosidade, para que assim seja dado os primeiros passos na construção de um pensar autônomo, superando a reprodução de ideias, por vezes instigantes para início de um debate, mas que após o debate de ideias pode ser reconhecido seu caráter anacrônico. Veremos que alguns textos de Schopenhauer possuem essa característica.

PLANO DE AULA - 1			
Tema: Tormentos da existência		Duração: 3 horas aulas	
Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Recursos Didáticos
Situar a questão da existência na sociedade contemporânea;	O otimismo alienante da sociedade contemporânea;	Problematização sobre os valores emocionais da sociedade contemporânea;	Vídeos, reportagens e imagens relacionados ao tema
Buscar conhecer, a princípio, as ideias dos próprios alunos para em seguida propor outras perspectivas, ora não sugeridas;	A dificuldade humana em lidar com frustrações;	Contextualização: o comportamento frenético dos indivíduos na busca por cumprir metas;	Fragmentos de textos contidos em “As dores do Mundo” e “Sabedoria da Vida”, ambos de Schopenhauer.
Contextualizar a noção de sofrimento, felicidade, e boa vida no pensamento de Schopenhauer;	Relação entre a dor, o tédio e felicidade;	Incapacidade em lidar com frustrações, falta de personalidade;	
Sistematizar os melhores argumentos apresentados pelos alunos, e relacionar com a perspectiva do filósofo;	Crítica ao espírito otimista.	Reflexão: Relacionar os argumentos de Schopenhauer aos fatos identificados na sociedade contemporânea.	

Apresentar algumas noções válidas para se pensar sobre a consideração schopenhauereana acerca dos tormentos da existência.			
Avaliação: Participação (intervenção a partir de pergunta, análise, sugestão, etc.) durante a abordagem do tema. Após a conclusão dos temas, será solicitado a produção de um ensaio filosófico, cuja ideia central é discorrer sobre os argumentos de Schopenhauer acerca da existência, e em que podemos contra argumenta-lo.			

Quadro 1. Aula 1.

1. Introdução: Exibição do curta-metragem "What's on Your Mind?". Em seguida estimular os alunos a pensarem sobre a felicidade como espetáculo.

2. Exercícios:

a) Estimular comentários por parte dos alunos a respeito da aparente condição de felicidade encontrada na mídias sociais (facebook, instagram, twitter etc.). Bem como, o nível de receptividade de imagens que fazem alusão a ocasiões felizes em detrimento de imagens e postagens refletindo dor, desilusão, desafeto, solidão, etc.

b) Leitura individual dos fragmentos abaixo relacionados.

3. PAINEL: Depois da exibição do vídeo e da leitura individual, os alunos dispostos em grupos deverão debater sobre as questões implicadas (felicidade; tédio etc.). Em seguida um relator de cada grupo apresentará as ideias e conclusões do grupo. Para que, juntos, alunos e professor elaborem uma síntese das ideias obtidas.

Fragmento 1: Daquilo que se é.

“Que isso contribua muito mais à felicidade de alguém do que o que ele *tem* ou que ele *representa* já foi reconhecido a nível geral. Sempre se trata daquilo que se é e, portanto, daquilo que se tem em si mesmo: pois a individualidade acompanha-nos constantemente e por toda parte e tudo que vivenciamos é por ela tingido. [...] Aquilo que alguém é e tem em si mesmo, em suma: a personalidade e o valor, é o único fator imediato para sua felicidade e seu bem-estar. [...] O ponto de vista mais geral mostra-nos a dor e o tédio como os dois inimigos da felicidade humana. Além disso, é possível ainda observar que, à medida que nos alegramos por estarmos nos afastando de um deles, aproximamo-nos do outro, e vice-versa; de modo que

nossa vida se apresenta efetivamente como uma oscilação mais ou menos entre esses polos. [...] O homem de espírito rico ansiará acima de tudo a ausência de dor, de incômodos, o silêncio e o ócio; logo, buscará uma vida calma, modesta, mas sem contratempos, na medida do possível, e, de acordo com isso, tendo travado conhecimento com os assim chamados seres humanos, escolherá o retraimento – no caso de um grande espírito, até mesmo a solidão. Pois quanto mais alguém tiver em si mesmo, tanto menos necessitará de coisas exteriores. [...] A verdade, aqui discutida, de que a fonte principal da felicidade humana tem origem no próprio interior [...]”. (Schopenhauer, 2014. pp.18 - 44).

Fragmento 2: Daquilo que se tem

“Um homem não carece absolutamente dos bens que jamais vieram à sua mente reivindicar, pelo contrário, ele é totalmente satisfeito também sem eles; enquanto que um outro, que possui cem vezes mais que ele, se sente infeliz por lhe faltar um bem que ele reivindica para si.” (Schopenhauer, 2014. p. 45).

Fragmento 3: Daquilo que se representa

“Por conseguinte, uma avaliação correta do valor daquilo que se é *para si* mesmo, oposto àquilo que se é apenas aos olhos de *outros*, haverá de contribuir muito para nossa felicidade. [...] De fato, o valor que depositamos sobre a opinião alheia e a nossa constante preocupação com relação a ela ultrapassam, via de regra, quase toda finalidade racional, de maneira que isso pode ser visto como uma espécie de mania universalmente propagada, ou mesmo inata. Em tudo que fazemos ou deixamos de fazer, a opinião alheia é considerada antes de quase todo o resto, e, com um exame mais preciso, veremos que praticamente metade de todas as aflições e angústias que jamais sentimos surgiram da preocupação com ela. Pois a opinião alheia encontra-se no fundo de toda nossa autoestima, tão frequentemente ofendida, porque tão morbidamente sensível, de todas as nossas vaidades e presunções, como também de nossa ostentação e jactância. Sem essa preocupação viciosa, o luxo não chegaria a ser um décimo do que é.” (Schopenhauer, 2014. pp. 53 ss).

PLANO DE AULA - 2			
Tema: A moral - As causas das ações humanas		Duração: 3 horas aulas	
Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Recursos Didáticos
Sensibilizar os alunos acerca da ação humana e quais os pressupostos que ela privilegia;	As ações humanas na perspectiva do: a) egoísmo e, b) da piedade.	Problematização: Seria os humanos inimigos de si mesmos, porque, embora racionais suas ações em relação ao outro, por vezes extrapola a racionalidade (?).	Vídeos, reportagens e imagens relacionados ao tema
Buscar conhecer, a princípio, as ideias dos próprios alunos para em seguida propor outras perspectivas, ora não sugeridas;	A virtude como instrumento;	Contextualização: o abismo que há entre os que possui uma excelente condição de vida e aqueles que levam uma vida miserável.	Leitura do texto “Uma espécie que diz racional”, uma entrevista de Carlos Reis ao escritor José Saramago.
Contextualizar algumas das ideias apresentadas pelos próprios alunos.	Fundamentos das ações humanas, a) o egoísmo; b) a maldade e, c) a piedade;	Análise da aparente dificuldade em estabelecer práticas sociais que diminua as injustiças.	Fragmentos de textos contidos em “As dores do Mundo” e “Sabedoria da Vida”, ambos de Schopenhauer.

<p>Sistematizar os melhores argumentos apresentados pelos alunos, e relacionar com a perspectiva do filósofo;</p> <p>Apresentar alguns exemplos do cotidiano em que ação humana interfere tanto na vida do agente moral, quanto dos demais indivíduos.</p>	<p>Seria a resignação uma solução?</p>	<p>Reflexão: Relacionar os argumentos de Schopenhauer aos fatos identificados na sociedade contemporânea.</p>	
<p>Avaliação: Participação durante a abordagem dos temas. Após a conclusão dos temas, será solicitado a produção de um ensaio filosófico, cuja ideia central é discorrer sobre os argumentos de Schopenhauer acerca da existência, e em que podemos contra argumenta-lo.</p>			

Quadro 2. Aula 2.

1. Introdução: Exibição do vídeo “Horrores da Guerra da Síria”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UpgOhq1IVgM>.

2. Exercícios:

a) Leitura individual do texto: “Uma espécie que diz racional”, texto consiste em uma parte das entrevistas concedidas por José Saramago ao jornalista Carlos Reis.

b) Após a exibição do vídeo, leitura individual do texto de Saramago e a leitura orientada pelo professor dos fragmentos relacionados a Schopenhauer. Em grupo os alunos deverão responder em forma de texto dissertativo (mínimo de 10 linhas), a pergunta: Por que o ser humano age mal em relação ao seu semelhante? Qual o papel da piedade/caridade para pensar práticas sociais para atender os menos favorecidos? Quais as causas das ações humanas?

c) Apresentação das ideias discutidas e registradas pelos grupos.

3. Contextualização; Reflexão (fragmentos dos textos de Schopenhauer)

Texto: Uma espécie que diz racional - José Saramago

“Eu digo muitas vezes que o instinto serve melhor os animais, do que a razão a nossa espécie. E o instinto serve melhor os animais porque é conservador, defende a vida. Se um animal come outro, come-o porque tem de comer, porque tem de viver; mas quando assistimos a cenas de lutas terríveis entre animais, o leão que persegue a gazela e que a morde e que a mata

e que a devora, parece que o nosso coração sensível dirá "que coisa tão cruel". Não: quem se comporta com crueldade é o homem, não é o animal, aquilo não é crueldade; o animal não tortura, é o homem que tortura.

Então o que eu critico é o comportamento do ser humano, um ser dotado de razão, razão disciplinadora, organizadora, mantenedora da vida, que deveria sê-lo e que não o é; o que eu critico é a facilidade com que o ser humano se corrompe, com que se torna maligno. Aquela ideia que temos da esperança nas crianças, nos meninos e nas meninas pequenas, a ideia de que são seres aparentemente maravilhosos, de olhares puros, relativamente a essa ideia eu digo: pois sim, é tudo muito bonito, são de facto muito simpáticos, são adoráveis, mas deixemos que cresçam para sabermos quem realmente são. E quando crescem sabemos que infelizmente muitas dessas inocentes crianças vão modificar-se. E por culpa de quê? É a sociedade a única responsável? Há questões de ordem hereditária?

O que é que se passa dentro da cabeça das pessoas para serem uma coisa e passarem a ser outra? Uma sociedade que instituiu como valores a perseguir esses que nós sabemos, o lucro, o êxito, o triunfo sobre o outro e todas estas coisas, essa sociedade coloca as pessoas numa situação em que acabam por pensar (se é que o dizem e não se limitam a agir) que todos os meios são bons para se alcançar aquilo que se quer.

Falámos muito ao longo destes últimos anos (e felizmente continuamos a falar) dos direitos humanos; simplesmente deixámos de falar de uma coisa muito simples, que são os deveres humanos, que são sempre deveres em relação aos outros, sobretudo. E é essa indiferença em relação ao outro, essa espécie de desprezo do outro, que eu me pergunto se tem algum sentido numa situação ou no quadro de existência de uma espécie que se diz racional. Isso, de facto, não posso entender, é uma das minhas grandes angústias. O Ensaio sobre a Cegueira tem alguma parte na expressão dessa angústia. E contudo, não ficou nada resolvido depois de eu ter escrito o Ensaio sobre a Cegueira, é uma angústia que se mantém. Volto a dizer e com toda a franqueza: não compreendo, não sou capaz de compreender.

Eu não vejo, sinceramente não vejo e gostaria de ver para minha tranquilidade, nenhum motivo para ser optimista não só perante a história da nossa espécie, como diante do espectáculo de um mundo que é capaz, porque tem meios para isso, de resolver uma quantidade de problemas, desde a fome até à educação ou à falta dela, e que não o faz. E não o faz porquê? Porque aquilo que conta é o lucro.

Vamos às velhas frases: a exploração do homem pelo homem que continua, embora não no mesmo sentido de que o operário tem que trabalhar 14 horas ou 16 horas (agora até está a trabalhar muito menos, parece). Mas não é isso que conta, o que conta é o lugar que cada um de nós tem na sociedade, sobretudo na relação de um com todos. Isso está como está e eu não consigo compreender por que é que não está de outra maneira. E isso é da responsabilidade de quem? Dos políticos, dos governantes? No fundo, a única grande guerra que nunca aconteceu ou que aconteceu só com alguns episódios, foi a guerra dos ricos contra os pobres, ou melhor, a dos pobres contra os ricos.

O que houve sempre, até agora, foram guerras de ricos contra ricos, servindo os pobres de carne para canhão, para usar a expressão consagrada. E é este desprezo pelo pobre, por aquele que não tem condições para tirar, como nós dizemos lá na minha terra, os pés da lama, é este desprezo, o tal desperdício de humanidade de que falávamos há dois dias, que me leva efectivamente a não ser capaz de ser optimista, com muita pena minha. Quem me dera...”

Fragmento 1

“A virtude, assim como o gênio, não se ensina; a ideia que se faz da virtude é estéril, e só pode servir de instrumento. [...] Não há senão três causas fundamentais das ações humanas, e nada se faz sem elas. Temos: a) o egoísmo, que quer o seu próprio bem (não tem limites); b) a maldade, que deseja o mal de outrem (vai até a extrema crueldade); c) a piedade, que quer o bem de outrem (vai até a generosidade, à grandeza de alma).” (Schopenhauer, 2014. pp. 103).

Fragmento 2

“O egoísmo inspira um tal horror que inventamos a delicadeza para ocultá-lo como parte vergonhosa, mas ele rasga todos os véus, e trai-se em todo encontro em que nos esforçamos instintivamente por utilizar cada novo conhecimento a fim de servir a alguns dos nossos inúmeros projetos. O nosso primeiro pensamento é sempre saber se tal homem nos pode ser útil para alguma coisa. Se não nos pode servir, já não tem valor algum. [...] O egoísmo, por natureza não tem limites; o homem só tem um desejo absoluto, conservar a existência, eximir-se de qualquer dor, de qualquer privação; o que almeja é a maior soma possível de bem-estar, é a posse de todos os gozos de que é capaz de imaginar, e que se esforça por variar e desenvolver incessantemente. Qualquer obstáculo que surja entre o seu egoísmo e as suas cobiças excita-lhe a raiva, a cólera, o ódio: é um inimigo que é preciso esmagar. Desejaria tanto quanto possível gozar tudo, possuir tudo; não o podendo, almeja pelo menos dominar tudo: “tudo para mim, nada para o outro”, e a sua divisa. [...] Embora os princípios e a razão

abstrata não sejam de modo algum a origem primitiva ou o primeiro fundamento da moralidade, são contudo indispensáveis à vida moral [...] Manter a firmeza dos princípios, segui-los a despeito dos motivos opostos que nos solicitam, é o que se chama ser senhor de si.” (Schopenhauer, 2014. pp. 105 ss).

Fragmento 3

“ A piedade é esse fato admirável, misterioso, pelo qual vemos a linha de demarcação, que os olhos da razão separam totalmente um ser do outro. [...] É o princípio real de toda justiça e de toda caridade verdadeira. A piedade é um fato incontestável da consciência do homem; é-lhe essencialmente própria e não depende de noções anteriores. [...] A piedade, princípio de toda moralidade, toma também os animais sob sua proteção. [...] Uma piedade sem limites para com todos os seres vivos é o penhor mais firme e seguro do procedimento moral; isso não exige nenhuma casuística. Pode-se ter a certeza de que aquele que a possui nunca ofenderá ninguém, nem lhe causará dano nos seus direitos ou na sua pessoa; pelo contrário, será indulgente na medida das suas forças, e todos seus atos terão o cunho da justiça e do amor pelo próximo. [...] O homem seduzido pela ilusão da vida individual, escravo do egoísmo, só vê as coisas que tocam pessoalmente, e encontra aí motivos incessantemente renovados para desejar e querer; pelo contrário, aquele que penetra a essência das coisas, que domina o conjunto, chega ao repouso de todo desejo e de todo querer. Daí em diante, a sua vontade desvia-se da vida, repele com susto os gozos que perpetuam. O homem chega então ao estado da renúncia voluntária, da resignação, da tranquilidade verdadeira, e da ausência absoluta de vontade. ” (Schopenhauer, 2014. pp. 114 s).

PLANO DE AULA - 3			
Tema: A política - Do despotismo e a anarquia		Duração: 4 horas aulas	
Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Recursos Didáticos
<p>Buscar conhecer a visão que os alunos possuí sobre o papel do Estado. Registrar e sistematizar as ideias mais pertinentes.</p>	<p>A organização social: seus pressupostos</p> <p>A indolência da multidão</p> <p>A máscara da sociedade civil.</p>	<p>Problematização: busca pelos motivos das situações de guerras e estados de guerra na atualidade;</p>	<p>Vídeos, reportagens e imagens relacionados ao tema</p> <p>Fragmentos de textos contidos em “As dores do Mundo” e “Sabedoria da Vida”, ambos de Schopenhauer.</p> <p>Acesso as últimas reportagens sobre PIB Brasileiro, concentração de fortunas e os números da pobreza.</p>
<p>Compreender o Estado como limitador da 'liberdade' do homem;</p>		<p>Contextualização: na sociedade brasileira qual é o papel em que o Estado parece menos exercer, por que?</p>	
<p>Contextualizar o período histórico político que viveu Schopenhauer (séc. XIX), e que influencia esse período pôde tê-lo influenciado.</p>			

<p>Observar e demonstrar algumas considerações schopenhauereana que servem à reflexão da política contemporânea.</p>		<p>Reflexão: Relacionar os argumentos de Schopenhauer aos fatos políticos/sociais identificados na sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito a sociedade brasileira e latina americana.</p>	<p>Exibição do documentário "The Square", sobre a mobilização social no Egito em 2011. O documentário explora o senso de comunidade, engajamento, bom contraponto a alguns argumentos de Schopenhauer sobre a ideia de "sociedade".</p>
<p>Avaliação: Participação durante a abordagem dos temas. Após a conclusão dos temas, será solicitado a produção de um ensaio filosófico, cuja ideia central é discorrer sobre os argumentos de Schopenhauer acerca da existência, e em que podemos contra argumenta-lo.</p>			

Quadro3. Aula 3.

1. Introdução: Buscar conhecer as ideias dos alunos quanto a natureza do ser humano, o papel do Estado na organização Social – sociedade civil. Registrar as ideias no quadro, sistematizando as mais pertinentes.
2. Leitura orientada, com auxílio do professor, dos fragmentos relacionados as ideias de Schopenhauer a respeito do Estado e da sociedade civil.
3. Exibição do documentário: “The Square”. A história da mobilização egípcia no ano de 2011, na qual jovens egípcios se reúnem na praça Tahrir exigindo a renúncia do ditador Hosni Mubarak e Mohamed Mursi.
4. Após a exibição, buscar conhecer o que os alunos conseguem identificar como “situações semelhantes” ocorridas na história no Brasil. Sensibilizá-los quanto ao papel do engajamento social e ao mesmo tempo estabelecer um debate com as ideias de Schopenhauer, por entender a sociedade civil como uma comédia de Gozzi; “uma grande mascarada.

Observação: Por se tratar de um documentário extenso, sugere que o professor se organize para exibi-lo no contra turno.

Fragmento 1

“O Estado não é mais que uma mordaga cujo fim é tornar inofensivo esse animal carnívoro que é o homem, e dar-lhe o aspecto de um herbívoro. O homem, no íntimo, é um animal

selvagem, uma fera. Só o conhecemos domesticado, domado, nesse estado que se chama civilização, por isso recuamos assustados ante as explosões acidentais do seu temperamento. Se caíssem os ferrolhos e as cadeias da ordem legal, se a anarquia rebatesse, ver-se-ia então o que é o homem. A organização da sociedade humana oscila como um pêndulo entre dois extremos, dois pólos, dois males opostos: o despotismo e a anarquia. Quando mais se afasta de um, mais se aproxima do outro. [...] Por toda parte, em todo o tempo, tem havido grande descontentamento contra os governos, as leis e as instituições públicas; é o resultado do estarem sempre dispostos a torna-los responsáveis pela miséria inseparável da existência humana. [...] A raça humana é, de uma vez por todas e por natureza, voltada ao sofrimento e à ruína; embora fosse possível com auxílio do Estado e da história remediar a injustiça e a miséria ao ponto de a Terra se tornar uma espécie de país da Cocanha. [...] O mundo civilizado não passa de uma grande mascarada. Encontram-se aí cavaleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, filósofos, e que mais se encontram ainda? Não são, porém, o que representam: são simples máscaras sob as quais se ocultam geralmente especuladores de dinheiro – *moneymakers*. Um afivela a máscara da justiça e do direito com auxílio de um advogado, para ferir melhor o seu semelhante; outro, com o mesmo fim, escolheu a máscara do bem público e do patriotismo; um terceiro, a da religião, da fé imaculada. Para toda espécie de desígnios, mais de um se ocultou sob a máscara da filosofia, como também da filantropia. [...] A nossa confiança nos homens não tem geralmente outras causas senão a preguiça, o egoísmo e a vaidade: a preguiça, quando o aborrecimento de refletir, de vigiar, de proceder, nos leva a confiarem alguém; o egoísmo, quando a necessidade de falar dos nossos negócios nos impele a fazer confidências; a vaidade, quando temos qualquer coisa vantajosa a dizer a nosso respeito. [...] Nem amar, sem odiar”, é metade da sabedoria humana; “nada dizer e nada crer” a outra metade.” (Schopenhauer. 2014. pp. 127 ss.).

Fragmento 2

“A multidão tem olhos e ouvidos, porém, usa somente o tato. Possui infinitamente pouco juízo, que não ultrapassa o círculo limitado em que está encerrada conjuntamente com a sua memória. Certos méritos estão fora do alcance de sua compreensão; há outros que captam instantaneamente as ideias, aclamam-nas, sendo palpável que se esquecem delas subitamente ...”. (Schopenhauer. 2012. pp. 75-76).

PLANO DE AULA - 4			
Tema: Do amor - O fim definitivo do empreendimento amoroso		Duração: 4 horas aulas	
Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Recursos Didáticos
<p>Identificar, entre os alunos, as noções de amor e paixão.</p> <p>Identificar as principais ideias/noções e utilizando o quadro organizar na forma de um painel. Contrastar essas noções com fatos cotidianos, entre amores bem-sucedidos e amores malsucedidos.</p>	<p>Audição e análise da música "Drão" de Gilberto Gil.</p> <p>Reflexão: O amor é fadado à desilusão?</p> <p>Estimar a relação entre o amor e o sexo (sexualidade)</p>	<p>Problematização sobre os valores relacionados ao empreendimento amoroso;</p> <p>Situar a importância do amor para a espécie humana</p> <p>Incapacidade em lidar com frustrações amorosas. Amor versus ódio.</p>	<p>Vídeos, reportagens e imagens relacionados ao tema</p> <p>Fragmentos de textos contidos em "As dores do Mundo" e "Sabedoria da Vida", ambos de Schopenhauer.</p> <p>Comentário sobre "O mito de Eros".</p>

<p>Avaliar o "peso" do empreendimento amoroso na vida do ser humano.</p> <p>Documentar os argumentos apresentados, tanto pelos alunos, pelo professor e por Schopenhauer.</p>	<p>A metafísica do amor; O amor como vontade da espécie.</p>	<p>Reflexão: Relacionar os argumentos de Schopenhauer aos fatos identificados na sociedade contemporânea, quando diz respeito as relações amorosas.</p>	
<p>Avaliação: Participação durante a abordagem dos temas. Após a conclusão dos temas, será solicitado a produção de um ensaio filosófico, cuja ideia central é discorrer sobre os argumentos de Schopenhauer acerca da existência, e em que podemos contra argumenta-lo.</p>			

Quadro4. Aula 4.

1. Introdução: De que é feito o amor? (A pergunta deve ser apenas para instigar a curiosidade entre os alunos, permitir algumas respostas. Em seguida o professor diz que contará a história sobre a origem do amor.
2. Narrativa do mito de Eros. (O professor deverá apelar a dramatização, para que o aluno se sinta envolvido na narrativa. Por isso é bom que ele saiba o mito de cor.).
3. Audição e apresentação da letra da música “Drão” de Gilberto Gil.
4. Perguntar novamente: De que é feito o amor? Solicitar a dois alunos o registro das ideias, especialmente dos alunos que mudaram em relação ao primeiro momento.
5. Realizar leitura orientada dos fragmentos de Schopenhauer.
6. Atividade de grupo: Com base nos instrumentos (música; mito e fragmentos), o grupo deverá organizar, em forma de tópicos, os principais argumentos, tanto presente nos instrumentos, quanto dos próprios alunos.
7. Apresentação do trabalho, por fim, o professor deverá orientar um debate a respeito dos principais argumentos.

Textos

I. Drão /Gilberto Gil⁸

Drão!

O amor da gente é como um grão

Uma semente de ilusão

Tem que morrer pra germinar

Plantar nalgum lugar

Ressuscitar no chão

Nossa semeadura

Quem poderá fazer aquele amor morrer

Nossa caminhadura

Dura caminhada

Pela noite escura

Drão!

Não pense na separação

Não despedace o coração

O verdadeiro amor é vã

Estende-se infinito

Imenso monolito

Nossa arquitetura

Quem poderá fazer aquele amor morrer

Nossa caminhadura

Cama de tatame

Pela vida afora

Drão!

Os meninos são todos são

Os pecados são todos meus

Deus sabe a minha confissão

⁸ Obtida em <https://www.cifraclub.com.br/gilberto-gil/drao/letra/> Acessada em 11/05/2015.

Não há o que perdoar
 Por isso mesmo é que há de haver mais compaixão
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer
 Se o amor é como um grão
 Morre, nasce trigo
 Vive, morre pão
 Drão!
 Drão!

II. O mito de Eros (fragmentos)

“[...]”

Primeiramente, tal como agora estou dizendo, disse ele que Fedro começou a falar mais ou menos desse ponto, “que era um grande deus o Amor, e admirado entre homens e deuses, por muitos outros títulos e sobretudo por sua origem. Pois o ser entre os deuses o mais antigo é honroso, dizia ele, e a prova disso é que genitores do Amor não os há, e Hesíodo afirma que primeiro nasceu o Caos

... e só depois

Terra de largos seios, de tudo assento sempre certo, e Amor...

Fragmento 1

Assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.

[...]

- É a verdade, querido Agatão, que não podes contradizer, pois a Sócrates não é nada difícil.

E a ti eu te deixarei agora; mas o discurso que sobre o Amor eu ouvi um dia, de uma mulher de Mantinéia, Diotima, que nesse assunto era entendida e em muitos outros — foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez por dez anos recuar a doença, e era ela que me instruíra nas questões de amor — o discurso então que me

fez aquela mulher eu tentarei repetir—vos, a partir do que foi admitido por mim e por Agatão, com meus próprios recursos e como eu puder. É de fato preciso, Agatão, como tu indicaste, primeiro discorrer sobre o próprio Amor, quem é ele e qual a sua natureza e depois sobre as suas obras. Parece—me então que o mais fácil é proceder como outrora a estrangeira, que discorria interrogando—me, pois também eu quase que lhe dizia outras tantas coisas tais quais agora me diz Agatão, que era o Amor um grande deus, e era do que é belo; e ela me refutava, exatamente com estas palavras, com que eu estou refutando a este, que nem era belo segundo minha palavra, nem bom.

E eu então: - Que dizes, ó Diotima? É feio então o Amor, e mau?

[...]

- Mas no entanto, o Amor, tu reconheceste que, por carência do que é bom e do que é belo, deseja isso mesmo de que é carente.

[...]

Eis o que me dizia Diotima, ó Fedro e demais presentes, e do que estou convencido; e porque estou convencido, tento convencer também os outros de que para essa aquisição, um colaborador da natureza humana melhor que o Amor não se encontraria facilmente. Eis por que eu afirmo que deve todo homem honrar o Amor, e que eu próprio prezo o que lhe concerne e particularmente o cultivo, e aos outros exorto, e agora e sempre elogio o poder e a virilidade do Amor na medida em que sou capaz. Este discurso, ó Fedro, se queres, considera-o proferido como um encômio ao Amor; se não, o que quer que e como quer que te apraza chamá-lo, assim deves fazê-lo. [...].”⁹ (PLATÃO. “O banquete).

Fragmento2

“Não é portanto permitido duvidar da realidade do amor, nem da sua importância. Em vez de causar admiração que um filósofo procure também apoderar-se desse assunto. [...] Se observarmos o papel importante que o amor representa em todos os graus e em todas suas fases, não só nas comédias e nos romances, mas também no mundo real, onde é, com o amor pela vida, a mais poderosa de todas as molas; [...] O fim definitivo de todo empreendimento amoroso, quer descambe no trágico ou no cômico, é realmente, entre os diversos fins da vida

⁹ Texto completo: “O Banquete” – Platão. Disponível on-line em www.educ.fc.u.l.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf Consulta em 13/05/2018.

humana, o mais grave e o mais importante, e merece a profunda seriedade com que todos se lhe dedicam. [...] Todas as paixões amorosas da geração presente não são, portanto, para a humanidade inteira, senão a séria *meditativo compositionis generationis futurae*¹⁰. De fato, não se trata, como nas outras paixões humanas, de uma desgraça ou de uma vantagem individual, mas da existência e da constituição especial da humanidade futura: a vontade individual atinge, nesse caso, o grande interesse que repousam-se em vontade da espécie. [...]O instinto do amor todo subjetivo dá ilusão à consciência, e sabe muito bem cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza carece desse estratagema para atingir os seus fins. [...] É portanto necessário que a natureza engane o indivíduo com alguma ilusão, em virtude da qual ele veja a própria felicidade no que não é, realmente, senão o bem da espécie; o indivíduo torna-se, assim o escravo inconsciente da natureza no momento em que julga obedecer apenas aos seus desejos. Uma pura quimera, logo desfeita, paira-lhe diante dos olhos o faz proceder. Essa ilusão não é mais do que instinto. É ele que, na maioria dos casos, representa o sentido da espécie, os interesses da espécie ante a vontade. [...]Um apaixonado pode cair no cômico, tão bem como no trágico, porque ambos os casos estão nas mãos do gênio da espécie, que o domina ao ponto de o arrancar a si próprio; os seus atos não estão em proporção com o seu caráter. (Schopenhauer. 2014 pp. 43 ss.).

PLANO DE AULA - 5			
Tema: Misoginia - A incapacidade de lidar com as mulheres		Duração: 4 horas aulas	
Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Recursos Didáticos
Solicitar aos alunos que avaliem, grosso modo, a posição da mulher na sociedade contemporânea.	A história humana como mantenedora da misoginia	Sensibilização sobre o papel da mulher na construção da realidade.	Vídeos, reportagens e imagens relacionados ao tema
Precisar quais comportamentos valoriza e/ou denigre a condição da mulher.	Os primeiros atos a favor da igualdade de tratamento entre homens e mulheres.	Identificar casos de violência contra a mulher.	Fragmentos de textos contidos em “As dores do Mundo” e “Sabedoria da Vida”, ambos de Schopenhauer. Nesta aula, especialmente trechos da obra “A arte

¹⁰ Meditação sobre a composição das gerações futuras, da qual, por sua vez, dependem outras incontáveis gerações.

<p>Contextualizar e identificar a posição de Schopenhauer em relação ao sexo feminino.</p> <p>Sistematizar os melhores argumentos apresentados pelos alunos, e relacionar com a perspectiva do filósofo;</p> <p>Desenvolver reflexão acerca das ideias dos alunos das filósofas e Simone de Beauvoir, Ângela Davis e Judith Butler em contraponto as noções do filósofo. Destacando a postura misógina de Schopenhauer e o porquê de superá-la.</p>	<p>A família tradicional como sustentáculo e obstáculo para com a legitimidade da igualdade de gênero</p> <p>A representatividade feminina no século XXI (na ciência, nas artes, na filosofia e na política)</p>	<p>Analisar o 'peso' do discurso machista na perpetuação da violência contra a mulher.</p> <p>Validar iniciativas que colaborem com os mitos preconceituosos em relação ao sexo feminino.</p>	<p>de lidar com as mulheres”.</p> <p>Exibição do documentário: "Libertem Ângela Davis". https://vimeo.com/groups/317326/videos/110153098</p> <p>Fragmentos de textos contidos em obras das filósofas Simone de Beauvoir, Ângela Davis e Judith Butler.</p>
---	--	---	---

Quadro5. Aula 5.

1. Introdução: Iniciar a aula com uma questão problema – Quantas mulheres terão sido assassinadas até o final do período de aula? Quais serão os motivos?
 - 1a. Em seguida apresentar os números da violência contra a mulher no Brasil.
 - 1b. Buscar entender os motivos que levam a violência. Fazer com que os alunos reflitam se os motivos são sociais, religiosos, culturais, etc.
2. Contextualização e leitura dos fragmentos contidos na obra de Schopenhauer que permitem identificá-lo como misógino.
3. Buscar responder as posições de Schopenhauer a partir de ideias de importantes personalidades feminina.

4. Sensibilizar os alunos para que possam avaliar e validar ações que contribuam com a valorização da mulher.

5. Exibição do documentário “Libertem Angela Davis”.¹¹

6. Com base nos textos, no documentário, promover um debate orientado sobre o tema “O que alimenta a misoginia? ”.

Fragmentos 1

“Belo sexo? Somente o intelecto masculino, turvado pelo instinto sexual, poderia chamar de belo sexo as pessoas de estatura baixa, ombros estreitos, ancas largas e pernas curtas: na verdade, é nesse instinto que está toda a sua beleza. As mulheres são os *sexus sequior*, o sexo que sob qualquer ponto de vista é o inferior, o segundo sexo, e em relação a cuja fraqueza deve-se, por conseguinte, ter consideração. Contudo, demonstrar-lhes veneração é extremamente ridículo e nos diminui aos olhos delas. Nem para a música, nem para a poesia, tampouco para as artes plásticas as mulheres têm, real e verdadeiramente, talento e sensibilidade; quando, porém elas afetam ou simulam essas qualidades, de nada mais se trata senão de pura macaquice voltada a seu desejo de agradar. [...] Na maioria das vezes, os meninos mostram ânsia de conhecimento; as meninas, pura curiosidade. [...] Quando as leis concedem às mulheres os mesmos direitos dos homens, elas deveriam ter lhes dado também um intelecto masculino. [...]. As mulheres sempre precisam de um tutor. [...] [Por Rousseau, “As mulheres em geral não amam nenhuma arte, não entendem de nenhuma e não tem nenhum gênio”]. [...] A natureza sempre mostrou uma grande preferência pelo sexo masculino. O homem tem a vantagem da força e da beleza. Em relação à satisfação sexual, o prazer está todo ao lado dele. Do lado da mulher, ao contrário, está toda a carga e todas as desvantagens ... somente sobre ela recaiu o cuidado com as crianças, e ela ficou desamparada com suas forças débeis. [...] As mulheres permanecem crianças ao longo de toda sua vida, sempre vêem apenas o que está próximo, prendem-se ao presente, tomam a aparência das coisas pelas coisas em si e antepõem ninharias aos assuntos importantes. [...] A honra sexual se divide em honra feminina e honra masculina. A primeira e mais importante é a honra feminina, uma vez que que na existência feminina o comportamento sexual é o que mais importa. [...] tão logo tenha conhecimento de que sua mulher cometeu adultério, deve separar-se dela e puni-la imediatamente e tanto quanto possível. [...] O coito é principalmente coisa de

¹¹ Disponível em: <https://vimeo.com/groups/317326/videos/110153098>. Acessado em 15/05/2018.

homem; a gravidez total e somente da mulher. [...] O domínio natural da mulher sobre o sexo masculino por meio da sensação de satisfação dura cerca de dezesseis anos. Aos quarenta anos, a mulher não está mais apta para a satisfação sexual. O instinto sexual do homem dura mais do que o dobro desse tempo. [...] A virgindade é bela, não porque constitui uma abstinência, mas porque é inteligência, visto que ela contorna a artimanha da natureza. [...] O sexo feminino exige e espera do masculino tudo. [...] As mulheres existem somente para propagação da espécie, e seu destino se reduz a isso. [...] as jovens consideram suas atividades domésticas ou profissionais como coisa secundária [...]. Como sua única vocação verdadeira, elas consideram o amor, as conquistas e o que mais tenha relação com isso, como os trajes, a dança etc. [...] Que a mulher, por sua própria natureza, está, destinada à obediência; [...] porque elas precisam de um amo. Se for jovem, este será um amante; se for velha, um confessor. [...] Como defeito fundamental do caráter feminino encontramos a injustiça. Ela se origina em primeiro lugar na falta de racionalidade e de reflexão, mas sustenta-se também no fato de que, na qualidade de mais fracas, mas para a astúcia: é daí que provém a sagacidade própria de seu instinto e sua incontida propensão à mentira. [...] Desse defeito fundamental e de seus desdobramentos originam-se ainda a falsidade, a deslealdade, a traição, a ingratidão etc. Assim como a lua, também a mulher gosta de se esconder na dissimulação e de nadar na mentira. (Schopenhauer. 2004. pp. 34 ss.)

Fragmentos 2

“Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte. ” Paoulain de La Barre – citado por Simone de Beauvoir em *O segundo Sexo – fatos e mitos* (1970). [...] “Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo ‘eterno feminino’ e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher? [...] Para todos que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. ” (Simone de Beauvoir *O segundo Sexo – fatos e mitos*. 1970. pp. 7-25.).

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o cadáver que qualificam de feminino. [...] A passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço

que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. [...] na mulher, há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade.

[...] O mundo não se apresenta à mulher como “um conjunto de utensílios” intermediário entre sua vontade e seus fins, tal qual define Heidegger: é ao contrário uma resistência obstinada, indomável; êle é dominado pela fatalidade e cortado de caprichos misteriosos. Esse mistério de um morango de sangue que se transforma em um ser humano no ventre da mãe, nenhuma matemática o põe em equação, nenhuma máquina o poderá apressar ou retardar; ela experimenta a resistência da duração que os mais engenhosos aparelhos malogram em dividir ou multiplicar [...] As mulheres não tem domínio sobre o mundo masculino porque sua experiência não lhes ensina a manejar a lógica e a técnica: inversamente, o poder dos instrumentos masculinos abole-se às fronteiras do domínio feminino. Há toda uma região da experiência humana que o homem escolhe deliberadamente ignorar porque malogra em *pensa-la*: essa experiência, a mulher a *vive*. [...] ao invés de querer encerrar o homem numa masmorra, a mulher tenta evadir-se [...] ela não se ergue em face do homem como sujeito e sim como um objeto paradoxalmente dotado de subjetividade; ela se assume a um tempo como *si* e como *outro*. [...] A disputa durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes. ” (Simone de Beauvoir. *O segundo sexo. A experiência vivida*. 1967. pp. 9 ss).

Fragmento 3

“Como fêmeas, as mulheres escravas estavam inerentemente vulneráveis a todas as formas de coação sexual. Se a mais violenta punição dos homens consistia nos castigos e mutilações, as mulheres eram castigadas e mutilada, bem como violadas. A violação, de facto, era uma expressão demonstrada pelo domínio económico dos donos de escravos e pelo controle do capataz sobre as mulheres negras como trabalhadoras. [...] Os donos de escravos naturalmente começaram a assegurar que as suas “breeder¹²s” tivessem filhos tão frequentemente quanto fosse possível biologicamente. Mas nunca foram tão longe em excluir as mulheres grávidas e mães com recém-nascidos do trabalho nos campos. [...] As mulheres brancas – feministas

¹² Grosso modo, entende-se mulheres escravas e parideiras.

incluídas – revelaram uma relutância em conhecer as lutas das trabalhadoras domésticas [...]. A omissão conveniente dos problemas das trabalhadoras domésticas dos seus programas de “classe média” feminista passado e presente foi frequentemente uma justificação velada. [...] O racismo sempre tirou força da sua habilidade de encorajar a coação sexual. Enquanto as mulheres negras e as suas irmãs de cor foram os principais alvos destes ataques de inspiração racista, as mulheres brancas também sofreram. Desde que os homens brancos foram persuadidos que podiam cometer assaltos sexuais contra as mulheres negras impunemente, a sua conduta em relação às mulheres da sua própria raça não permaneceu inalterada. [...] Esta é uma das muitas formas em que o racismo alimentou o sexismo, fazendo com que as mulheres brancas fossem indiretamente vitimadas pela especial opressão apontada para as suas irmãs negras. (Angela Davis. *Mulher, Raça e Classe*. 2013. pp. 9 ss.).

Fragmento 4

“É minha sugestão que as supostas universalidade e unidade do sujeito do feminino são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam. Com efeito, a insistência prematura num sujeito estável do feminino, compreendido como categoria uma das mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios. Não há dúvida, a fragmentação no interior no interior do feminismo e a oposição paradoxal ao feminismo – por parte de “mulheres” que os feminismos afirmam representar – sugerem os limites necessários da política da identidade.” (Judith Butler. *Problemas de Gênero, feminismo e subversão da identidade*. 2003. pp. 21-22.).

PLANO DE AULA - 6			
Tema: A arte como redenção do ser humano.		Duração: 4 horas aulas	
Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Recursos Didáticos
Sensibilizar os alunos acerca do papel da arte na vida humana.	A existência como uma experiência estética.	Compreender a dimensão da arte na existência humana.	Vídeos, reportagens e imagens relacionados ao tema

<p>Conhecer os meios pelos quais os alunos têm contato com arte, bem como, os diferentes gêneros</p> <p>Apresentar novos gêneros artísticos e avaliar a receptividade.</p> <p>Buscar combinar a reflexão filosófica de Schopenhauer, sobre a arte, com a experiência artística obtida pelos alunos.</p>	<p>A experiência artística como condição de liberdade</p> <p>O artista como “espelho” da humanidade - do trágico ao cômico. As características do poeta devem ser atribuídas à demais áreas da arte(?)</p> <p>A música: segredos da vontade e da sensibilidade humana.</p>	<p>Problematização: Minha preferência artística diz algo sobre mim?</p> <p>A linguagem da arte contemporânea, libertadora ou alienante? Reflexão.</p>	<p>Fragmentos de textos contidos em “As dores do Mundo” e “Sabedoria da Vida” de autoria Schopenhauer.</p> <p>Exibição de alguns gêneros artísticos: Documentário - "O poder da arte". Van Gogh; Exibição do vídeo "O corpo fala"; Audição da 5ª Sinfonia de Beethoven.</p>
<p>Avaliação: Entrega do relatório referente aos temas anteriores estudados. A respeito da aula seis, em grupo os alunos deverão produzir uma performance artística. Sugestão: Encenação teatro mudo, dança ou canto.</p>			

1. Introdução

Desafio: Sensibilizar os alunos para novas experiências artísticas. Exibir o vídeo com a apresentação da Filarmônica de Berlin, apresentando a 5ª sinfonia de Beethoven¹³.

2. Leitura de alguns dos fragmentos em voz alta na classe.

3. A cada fragmento lido, estimular o comentário dos alunos a respeito do assunto.

4. Exibir o segundo vídeo “O Corpo fala”¹⁴, com objetivo de demonstrar que o corpo integra o campo da experiência artística.

¹³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9aDEq3u5huA> Acessado em 20/05/2018.

¹⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0SElcm0D9AE> acessado em 20/05/2018.

5. Estimular os alunos a exercitar o corpo, por mais ou menos cinco minutos. Se possível leva-los a passear por um local próximo a escola e observar como as pessoas caminham, suas expressões, etc.

6. Reflexão: Gênios, artistas e loucos?

Exibição do documentário “O poder da arte”¹⁵ sobre Vicent Van Gogh.

7. Atividade em grupo: Performance artística. Sugestão: Encenação teatro mudo, dança ou canto.

Fragmentos

“Todo desejo nasce de uma necessidade, de uma privação, de um sofrimento. Satisfazendo-o, acalma-se; mas embora se satisfaça, um, quantos permanecem insaciados! Nada há no mundo capaz de apaziguar a vontade, nem fixa-la de um modo duradouro; o mais que se pode obter do destino parece sempre uma esmola, que se lança aos pés do mendigo, que só conserva a vida hoje para prolongar o seu tormento amanhã. [...] Mas quando uma circunstância estranha ou nossa harmonia interior nos arrebatam por um momento à torrente infinita do desejo, nos livra o espírito da opressão da vontade, nos desvia a atenção de tudo que a solicita, e as coisas nos aparecem desligadas de todos dos prestígios da esperança [...] A arte é uma redenção – ela livra da vontade, e, portanto, da dor – torna as imagens da vida cheias de encanto. [...] O poeta é homem, universal: tudo o que agitou o coração de um homem, tudo o que a natureza, em todas as circunstâncias pôde experimentar e produzir [...]. Ninguém poderia prescrever ao poeta ser nobre, elevado, moral, piedoso e cristão, ser ou não ser isto ou aquilo, porque ele é o espelho da humanidade e apresenta-lhe a imagem clara do que ela sente. [...] O verdadeiro sentido da tragédia é a observação profunda, que as faltas espiadas pelo herói não são as dele, mas as faltas hereditárias, isto é, o próprio crime de existir – “*então o maior crime/Do homem é ter nascido*. O último objeto da tragédia é inclinar-nos à resignação, a negação da vontade de viver. [...] Não há um só homem nem uma só ação que não tenha a sua importância; em todos e entre tudo, se desenvolve mais ou menos a ideia da humanidade. Não há circunstância na existência humana que seja indigna de ser reproduzida pela pintura. [...] A música não exprime nunca o fenômeno, mas unicamente a essência íntima de todo fenômeno, numa palavra, a própria vontade [...] A invenção da melodia, a descoberta de todos os segredos mais íntimos da vontade e da sensibilidade humana, é a obra do gênio. [...] A ideia, isto é o

¹⁵ Disponível em <https://www.dailymotion.com/video/xlcdjg> acessado em 20/05/2018.

conhecimento preconcebido das coisas abstratas e positivas é, neste ponto como toda arte, absolutamente estéril; o compositor revela a essência mais íntima do mundo e exprime a sabedoria mais profunda numa linguagem que a sua razão não compreende. [...] Ouvir longas e belas harmonias é como um banho de espírito [...]. (Schopenhauer. 2014. pp. 91 – 100).

4 CONCLUSÃO

Por várias razões, entre as quais constam, a perspectiva metafísica do sofrimento, a filosofia proposta por Schopenhauer, acima de tudo, permite que o ser humano um escape à Síndrome de Poliana¹⁶. A postura diante o sofrimento é a da contemplação. Uma vez que melancolia e sofrimento são intrínsecos a natureza humana, cabe ao indivíduo decifrar qual é o seu papel na tragédia que consiste em a existência humana.

Do contrário, cabe a fuga à um modo de vida cuja perspectiva seja sempre a condição do bem-estar e da felicidade. O que seria um erro, de acordo com o filósofo, já que o ser humano não foi criado para ser feliz, outrossim, para fugir da dor que lhe intrínseco. Seja como for, a filosofia de Schopenhauer, soa de maneira arbitrária quando sobreposta as perspectivas da sociedade contemporânea, cuja crença é a de que o ser humano foi criado para ser feliz. Mas, é essa arbitrariedade é que faz preciso compreender pensar o porquê de a crença hedonista não amenizar as aflições humanas diante das dores do mundo. Não estaria certo Schopenhauer de propor o sofrimento como inato a existência humana, enquanto que a felicidade consiste apenas em uma paráfrase da existência. A insistência em buscar a felicidade só faz aumentar a frustração e o sofrimento.

A filosofia de Schopenhauer não é uma filosofia da superação, nem mesmo serve de consolação. Mas não é vão os esforços em situar sua importância no âmbito do que carece a sociedade contemporânea, compreender e, ou, reconhecer o papel da dor, da melancolia e do sofrimento na vida. É inevitável que o ser humano encare tais sentimentos para assim possa decifrar os enigmas do que, a partir de Schopenhauer se define como a “dança macabra”, ou seja, a tragédia. É neste sentido que este trabalho assume o desafio de apresentar algumas das ideias de Schopenhauer que possibilita a reflexão sobre a trama da existência contemporânea.

Estimular o acesso aos textos de filosofia é uma das atividades, que segue a da interpretação e da contextualização. A utilização de vídeos, filmes, músicas e manchetes cotidiano, permite que o aluno enxergue a atemporalidade da filosofia. De todas as dificuldades em que o ensino de filosofia tem enfrentado nos últimos anos no Brasil a maior delas é fazer com que o aluno, a comunidade escolar reconheça sua especificidade enquanto área do saber humano. Embora esse seja apenas um dos desafios ser superado, pois infelizmente o caráter daqueles que legislam sobre a educação é demasiadamente débil.

¹⁶ Síndrome de Poliana é uma maneira fantasiosa de ver o mundo. O indivíduo acaba por desenhar um mundo-cor-de-rosa, como fuga aos sentimentos (sofrimento, dor) mediante a realidade. Esse conceito foi apresentado a partir da obra “Poliana” escrita por Eleonor H. Porter.

BARBOSA, Jair. **Schopenhauer. Decifração do enigma do mundo.** São Paulo: PAULUS Editora, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – experiência vivida.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero, Feminismo e Subversão da Identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo, 2013.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio.** São Paulo: Cortez, 2009.

RANCIERE, Jacques. **O Mestre Ignorante – cinco lições sobre emancipação intelectual.** São Paulo: Autêntica, 2002.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SCHOPENHAUER, Artur. **A sabedoria da vida.** Tradução Rômulo Argentère. São Paulo: Edipro, 2012.

_____. **As dores do mundo: o amor – a morte – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade.** Tradução José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2014. (Clássicos EDIPRO).